

TRASGO

FICÇÃO CIENTÍFICA E FANTASIA



Guilherme Lopes · Helton Lucinda Ribeiro · Isa Prospero
Lívia Stocco · Márcio Moreira · Marlon Ortiz
Ilustração: Raitan Ohi · Organização: Rodrigo van Kampen

18

Revista Trasgo

Edição 18

Editorial #18

Créditos

Madrinhas e Padrinhos

• Contos •

A queda de Pleroma

O chapéu do mago

Bot

O caso do cemitério

Casa de veraneio

Nabu

• Galeria e entrevistas •

Galeria: Raitan Ohi

Entrevista: Raitan Ohi

Entrevista: Marlon Ortiz

Entrevista: Guilherme Lopes

Entrevista: Marcio Moreira

Entrevista: Helton Lucinda Ribeiro

Entrevista: Lívia Stocco

Entrevista: Isa Prospero

• Patrocinado •

Os objetos supremos

Calliope soluções editoriais

Classificados da Trasgo

Apoie a Trasgo no Padrim!

EDITORIAL 18

Olá, queridas e queridos leitores da Trasgo! Este ano não está fácil manter o ritmo de publicação da nossa querida revista, por isso já aviso: mudanças à vista!

A partir da próxima edição vamos testar um novo modelo de publicação, simplificado, que permita que a gente consiga continuar publicando a Trasgo dentro do ritmo. Ainda estamos fechando os detalhes, mas avisaremos tudo na newsletter, redes sociais e site da Trasgo!

Gostaria de agradecer a todo mundo que tem ajudado a gente pelo Padrim, mandado mensagens nas redes sociais, acompanhando, divulgando e enviando contos para publicarmos. É por tudo isso que a Trasgo continua viva e que queremos nos reinventar.

Para a edição 18, uma grande novidade na equipe: Soraya Coelho agora está trabalhando com a gente! Finalmente deixamos de ser uma equipe 100% masculina. \o/ (Mas ainda temos bastante a fazer para sermos uma equipe devidamente diversa.)

Esta edição, que teve a linda capa ilustrada por Raitan Ohi, abre com "A Queda de Pleroma", uma FC no clássico estilo "trabalhadores sem grana numa estação espacial". Aproveitando o bom humor passamos para "O chapéu do mago", um conto onde nem tudo é o que parece.

Seguimos para "Bot", de Márcio Moreira, um conto sobre o acordar da inteligência artificial com uma pegada diferente. Já em "O caso do cemitério", Helton Lucinda Ribeiro traz na linguagem rica um conto envolvente sobre o interior do país.

Lívia Stocco apresenta um cenário paradisíaco com um pequeno probleminha em "Casa de veraneio", e encerramos com "Nabu", de Isa Prospero, um conto que amarrou os coraçõezinhos da nossa equipe.

Espero que gostem da seleção que fizemos para vocês tanto quanto gostamos de trabalhar em cima destes contos. Boa leitura!

Rodrigo van Kampen e equipe da Trasgo

Recadinhos

Assine nossa newsletter com dicas de leitura e escrita:

trasgo.com.br/news

Acompanhe a gente no Twitter ou Facebook.

Seja nossa madrinha ou padrinho pelo Padrim!

Você encontra imagens para postar em seu blog em
trasgo.com.br/imprensa.

A QUEDA DE PLEROMA

Marlon Ortiz

Editado por Lucas Ferraz

Nervosos, eles aguardavam as portas se abrirem, enquanto as luzes de emergência piscavam. As paredes tinham camadas de sujeira sobrepostas através das eras, e, por desgastes antigos, era possível ver o fraco brilho da parede externa; feita de 4119-T6, uma liga de alumina. Era ela que vibrava quando toda a estrutura mudava de direção, e os poucos painéis fotovoltaicos que ainda funcionavam bebiam dos raios solares em ciclos de 90 minutos. Durante a transição de painéis, as portas não se abriam, e uma ampulheta holográfica piscava, indicando o tempo restante para a liberação. Mas elas nem sempre abriam, e por isso havia um painel ao lado, com fios presos por fita isolante e um manual em russo.

— *Continuando.* — A voz de D.A.N.I.C.A, sempre fria, ecoou pelas paredes. Não sabiam exatamente onde ela estava; pelo menos não ali, num nível tão baixo da *Pleroma*.

A porta abriu, e dela saíram quatro *nevrons*, geneticamente idênticos, mas desesperados em tentar se distinguir, usando toda maneira de brincos, argolas, cabelos coloridos e modificações corporais. O líder, que vestia um macacão tão antigo que tinha uma Terra ainda azul desenhada num dos bolsos, falou primeiro.

— Trouxemos as *comidas, da? Trazeram* as armas? Negócio. Negócio pronto. — Ele acenou para um dos *nevrons*, que trouxe uma caixa de *isoporin*, com uma planta e a palavra “hidropônica” escrita em verde. Dentro, podiam imaginar, havia vegetais.

Ele e seus dois amigos trouxeram à frente uma caixa de madeira contendo dez armas cruas e improvisadas, feitas de alumina e plástico, forjadas nos reatores inferiores. Eles vestiam pesados trajes vermelhos chamados Sokol, com uma palavra quase mitológica emblemada no peito: *Soyuz*.

— Trouxemos as armas. Dez. Cinco mais cinco. Não temos alumina para fazer mais. Não podemos mais retirar das paredes, ou vamos todos

morrer. *Morrido*. Entende? — falou com a voz mais alta que ousava para os *nevrns*, tentando não demonstrar fraqueza.

Um dos *nevrns*, uma mulher com olhos vermelhos e pele completamente branca debaixo das tatuagens, checava as armas com sussurros de satisfação. O líder, muito mais forte que os outros, ignorou as desculpas de seu interlocutor e se dirigiu a Nica, outro dos companheiros que haviam carregado a caixa de armas.

— Guerra, *da*? *Precisar* de mais armas. *Precisar* invadir setor de *genharia*, *senão comidas* morre. Sem resfriamento. *Precisar* de trinta. Trinta menos dez, vinte. Em até *centessenta* ciclos. Dez dias. Noventa mais noventa mais noventa... — ele falou alto, também mostrando força.

— Não podemos. Não temos mais revestimento interno — Nica respondeu, mantendo a postura. O *nevron* chegou perto dele, os olhos de cores desiguais procurando o rosto dentro do capacete espelhado do traje *Sokol*.

Desistiu, praguejando algo ininteligível.

— Se não ter armas, não ter *comidas*. Se *nevrns* morrer, *genheiros* vão tomar conta dos jardins. Eles fazem armas melhor que vocês. Não precisar de vocês. Não precisar trocar por *comidas* — ele falou para Nica, rindo. Acenou para um seus amigos, que levaram a caixa com armas. Ele deu uma última olhada para trás, pegando uma cenoura da caixa de vegetais e mastigando enquanto saia pela porta, de costas.

Ele, Nica e Mina permaneceram com os olhos fixos na porta por onde os *nevrns* se foram, aguardando o tempo necessário. Quando faltavam quatro minutos para elas se trancarem, Mina pegou a caixa com cuidado, isolando-a com microfilme. Ela a entregou ao colega, que era o mais forte, para carregar dentro do túnel. Desceram as escadas com cuidado, atravessando o túnel com passos ainda mais lentos. O arfar deles era audível, já que as botas magnéticas exigiam um esforço tremendo para funcionarem ali, no ponto mais baixo da *Pleroma*. Aquele túnel era um suplício, mas era o principal mecanismo de segurança do porão. Apenas pessoas com trajes como aqueles podiam atravessar aquela parte exposta à escuridão.

O ultimato do *nevron* contrastava diretamente com o soturno lembrete daquele túnel. Ali, num passado longínquo, o povo deles extraíra alumina demais das paredes. Um meteorito tinha se chocado com a parede

externa, que em condições normais, ejetaria o painel, e através de uma série de trilhos, o substituiria em *zeropontodois* segundos. Mas eles haviam retirado todas as vinte camadas de alumina extra. Quando a estrela *bateu*, a *Pleroma* ejetou cento e trinta e três painéis, de três em três, os substituindo por escuridão.

As pessoas no local morreram em três minutos.

Aquilo acontecera há pelo menos duzentos anos, ou alguns milhões de ciclos de noventa minutos. Mas a memória, passada de forma oral, ainda era vívida. Não que precisassem dela. Nos tetos do túnel, contrastando com a parede branca de alumina, ainda havia pessoas flutuando em seus trajes vermelhos. Estrelas escarlates, formando uma constelação própria.

— *Splotila naveki velikaya Rus!* — Mina falou pelo rádio, com desgosto, enquanto esperavam D.A.N.I.C.A abrir as portas novamente.

— *Continuando.*

Eles entraram em casa, nos reatores da *Pleroma*. A pressurização demorou vinte minutos, e quinze pessoas vieram ajudá-los a retirar os trajes. Eleanora tirou a caixa das mãos do companheiro, levando-a para dentro de um outro contêiner, que carregaram num carrinho para o laboratório improvisado. Eles saíram dos trajes com uma pequena escada, enfileirados em uma parede de plástico, onde apoiaram as mãos.

A água veio fria, cortante.

Mina gritou alto, enquanto Nica apenas gemia baixinho do seu lado. Depois foram até a sala de descontaminação, onde cada um foi colocado em uma câmara diferente, enquanto scanners holográficos percorriam seus corpos envoltos em toalhas. O de Mina parou na metade, apagando, e a sua sala ficou escura. Já tinha acontecido com ele. Demoraria horas até consertarem. Mina se limitou a grunhir de frustração, chutando a cadeira longe. Não podiam tirá-la dali até completarem o scanner.

Todo aquele lugar estava caindo aos pedaços.

Ele e Nica foram levados até outras salas, onde roupas esperavam; macacões vermelhos com o mesmo emblema, puídos e rotos. Cada um recebeu a visita de um doutor, com uma prancheta com o teste, e uma *makarova* presa em um coldre na cintura. Nove balas. Não que precisassem das outras oito, assim à queima-roupa.

A não ser que um deles não passasse no teste.

— Nome e patente? — a sua doutora perguntou, os óculos espelhados

olhando para a prancheta, o lápis parado na primeira questão. A outra mão estava embaixo da mesa. Ele sabia exatamente onde.

— Numa. Proletário — Numa respondeu, olhando para seu reflexo nos óculos. Ele parecia um lixo.

— Status da missão? — Os olhos continuaram na prancheta.

— Bem sucedida com complicações. — Ele retesou os músculos. Lá vinha.

— Me fale das complicações.

— Os *nevrões* precisam de mais armas. Não vão querer nos fornecer mais hidropônicos até receberem mais vinte. Estão em guerra com os engenheiros. Eles estão fodidos. Depois vai ser a nossa vez — falou com o máximo de calma possível.

— Entendi. Continuemos com as questões. — Ela moveu a prancheta um centímetro para cima, e o lápis parou na terceira pergunta. — Você ouve vozes?

Ele pensou por uns segundos.

— Não.

A prancheta subiu mais um centímetro.

— Considera a vida um desperdício?

— Não.

Mais um centímetro.

— Um trem segue por um trilho. O trilho se divide em dois. Em um dos caminhos, uma pessoa está presa. No outro, cinco pessoas estão presas. Você pode não fazer nada, e cinco pessoas morrerão, ou, se apertar um botão, apenas uma morrerá. O que você faz?

“Eu gostaria de colocar você no trilho”, Numa pensou.

— Precisa de uma descrição do que é um trem? É um veículo de transporte terrestre antigo.... — Ela olhou diretamente para ele.

— Eu aperto o botão.

A mão debaixo da mesa relaxou um pouco.

— Qual a cor do oceano?

— Vermelho.

— Uma árvore que cai no meio da floresta produz algum som se ninguém estiver por perto para ouvi-la? — Os lábios dela se estreitaram, no que deveria ser a distorcida tentativa de um sorriso. — Precisa de uma descrição do que é uma árvore?

Porra, quando foi que eles mudaram as perguntas? Ele teria que apelar. Usaria a resposta que Mina havia lhe ensinado. Os merdas dos doutores adoravam ela.

— Isso é subjetivo — ele falou, sério. Os óculos brilharam.

— Como assim?

— Que é subjetivo. Precisa de uma descrição do que é algo subjetivo? É algo que depende do ponto de vista...

— Eu sei o que é subjetivo, proletário. Pode ir. Passou no teste. — Ela sorriu novamente. Era horrível.

Saiu da sala, pegando as suas coisas numa caixa. Vestiu o casaco gasto, calçou as botas e subiu a escada, abrindo a escotilha. O reator girava em uma velocidade alucinante, emitindo um brilho esverdeado e doentio. As pessoas passavam para lá e para cá, gritando, subindo e descendo escadas, vendendo pedaços de metal em pequenas barraquinhas, indo e vindo das dezenas de corredores e escotilhas. Ele foi até o Reznikov, um pequeno quiosque que ficava debaixo dos canos de resfriamento, e pediu o de sempre, enquanto esperava por Mina. A bebida veio quente e a comida fria, como sempre, e ele empurrou de mau gosto os mármorees em direção à dona do bar. Tinha um camarão na porção de camarão com batatas que ele tinha pedido. Um camarão.

— Dia difícil, Numa? — Uma mulher sentou no banco do lado, ou estava ali desde antes e ele não tinha visto. Ele olhou para ela, toda encouraçada em preto e vermelho, poliaramida, metal e espuma anti-impacto. Ele a conhecia. Era a Guardiã do Reator, mandada pelos lordes lá do topo da estação, para garantir que o reator funcionasse o tempo inteiro.

— Vai se foder, Anarin. Não vou fazer porra nenhuma pra você. — Ele comeu as batatas sem nem sentir o gosto. Precisava sair dali o quanto antes.

— Ouvi falar que os clones malucos do setor de hidropônicos não vão mandar mais comida pra cá. Uma pena. Vocês são gente boa. — Ela bebeu um gole do seu drinque. Vodca. O olho da cara. Podia comer uma semana inteira pelo preço daquela droga de copo.

Porra, não fazia dez minutos que ele tinha contado pra doutora. Ou Nica já tinha dedurado.

— Nós somos todos porras de clones, Anarin. Todo mundo, em todas as estações. Pleroma, Nadir, El Cid, Yamato. Todos clones ou AIAS, aqueles

robôs assustadores que acham que são gente. Todos cópias de cópias de cópias. Menos aqueles imortais lá em cima — Numa apontou para um lugar vago no alto. — Os últimos humanos de verdade. E eles são o que? Uns doze? Então para com essa merda de racismo. Você é a porra de um clone.

Anarin riu.

— Verdade. Mas alguns são mais iguais que os outros, Numa. Falando nisso, tenho um trabalho pra você. — Ela bebeu mais um gole. Ela nem saboreava a porra da bebida. Engolia direto. Maldita. — Hoje ainda. Pode esperar aquela sua namoradinha se quiser.

— Não vou ficar me arrastando em latas de dejetos radioativos pra pegar bastões de fissão pra você vender no mercado negro. E Mina não é minha namoradinha. Acho que ela nem gosta de homem. Acho que ela não gosta de ninguém, pra falar a verdade. Muito menos da porra de Guardiões.

Anarin riu de novo.

— Você tá ficando velho, Numa. Trinta anos. Precisa ganhar uns mármore pra poder comprar uma cápsula própria e morrer sozinho igual um rato aqui nesse porão. Além disso, o trabalho é oficial, nada dessas coisas escusas que está sugerindo que eu participei. Vinte mil mármore. Pra cada. — Ela bebeu o último gole do copo. — Os doutores resolveram abrir um dos corredores selados. Querem ver se tem alumina lá para poder derreter e fazer armas para negociar com os *nevrons*. Também tem esperança de encontrar algum dos depósitos desativados.

Numa comeu um punhado de batatas. Falou sem olhar para ela.

— Qual corredor?

— O de acesso à rampa. Parece que alguém achou um mapa antigo de algum comerciante que mostrava um laboratório médico na entrada pra receber os feridos. Ele não consta nos mapas novos. — Ela pediu mais uma dose.

Filha da puta.

— Provavelmente porque alguém apagou pra não abrirem a porra dos corredores. Esse é completamente selado. Nem tem ventilação que chega lá. Nem os túneis de acesso dos cabos chegam lá — ele falou, mastigando.

— Como você sabe? — ela abriu um sorriso.

— Já fui lá. Tem uma parede de concreto. Concreto, Anarin. É uma

péssima ideia. — Engoliu o seu próprio drinque. Tinha gosto de morte e limão. — Sabe quem constrói algo com concreto nessa porra de lugar? Ninguém. A não ser que você queira muito garantir que ninguém vai entrar lá de novo.

— Me parece realmente uma péssima ideia, Numa, mas infelizmente você já faz parte dela. Você e a sua namoradinha.

— O Nica não vai? — Ele sentiu algo errado na hora.

— Não. — Ela fez uma pausa, procurando algo no copo. Numa parou de mastigar as batatas.

— Que porra aconteceu?

— Ele não passou no teste. Matou um doutor e arrancou o braço de outra.

— Mas que porra. — Numa engoliu. — Era... “Ela”? As vozes? Alma Oceânica e tudo o mais?

— Era. Trinta por cento de infecção. Levantou o doutor com a mente com aquela tal de psicocinese e esmagou ele no teto. Ainda estão limpando. A doutora entrou e encheu ele de bala. Ele arrancou o braço dela antes de morrer estrebuchando.

— Puta que pariu. A doutora usava óculos?

— Que porra isso tem a ver, Numa?

— Nada. Deixa pra lá. — Ele começou a comer o resto das batatas. Estavam gordurosas e moles.

— Ainda quer continuar a ir lá fora, Numa? Sabe o que acontece com todo mundo, cedo ou tarde. Partículas no sistema de filtragem de ar, me falaram. Você vai engolindo algumas de cada vez. Uma vira duas, duas viram seis. Depois de um tempo você tem uma pequena conselheira pessoal, dando conselhos bem intencionados com uma vozinha simpática. Eles olham e não tem nada no seu cérebro, só você mesmo. Mais partículas. Aí você vai deixando de ser você, né. Fica um pouquinho mais...ela.

— Puta que pariu.

— O que tem a sua mãe, Numa? — Mina chegou, sentando do lado dele, comendo a última das batatas, e então viu Anarin. — Puta que pariu.

— Esteja na entrada da rampa, Numa. Vou tentar conseguir uns trajes pra vocês dois. — Ela levantou, comendo o camarão que ele tinha separado. Imitou um dos *nevrns* do setor de hidropônicos. — Doisciclos.

— Que caralho ela quer com você na rampa, Numa? Aquele lugar é selado.

— Vão abrir pra tentar achar alumina e um laboratório. Os filhas da puta dos doutores vão matar todo mundo. Não é à toa que estamos nessa merda, vivendo numa lata no espaço. Porra de doutores.

— Eles vão abrir a porra do corredor? A gente tem é que dar o fora dessa droga. — Ela olhou para os lados, e falou no ouvido dele. — Eu tenho ainda um passaporte pra Yamato. Comprei de volta o meu que me roubaram quando fui vendida pra cá pequena. Posso tentar levar você.

— Você vai me levar como, Mina? Eu pareço a porra do Lenin. Olha pra mim — ele resmungou, colocando o dedo dentro do copo da Anarin e lambendo em seguida. — Até geneticamente predisposto a gostar de vodca eu sou. Droga de vida.

— Eu caso com você, seu merda. Você chega lá e a gente pede asilo pra casais. A gente mora junto de fachada. Pode pegar quantas clonezinhas niponesas quiser, se é que você ainda funciona lá embaixo.

— A gente ia precisar de grana. Eu estou velho, Mina. Não vou conseguir trabalhar nos setores alagados da Yamato carregando arroz tubo acima. A gente precisa de grana.

— Quanto a Anarin ofereceu?

— Vinte mil pra cada. Dinheiro pra caralho.

— É dinheiro pra caralho, mesmo. — Ela assobiou. Ele conhecia o olhar dela. Cobiça. Estava planejando o que ia comprar com vinte mil mármores. Mina era louca. Uma vez tinha falado em passar uma noite em Valhalla, a estação paraíso onde os supersoldados moravam. Puro luxo. — Garçonete, me traz um saquê e uma vodca pro meu amigo Numa aqui.

— Se me chamar de garçonete de novo vou sentar a mão na sua cara, Mina. Até parece que tem grana pra comprar saquê. Tá achando que tá em Yamato?

— Podia quebrar meus dentes que ainda não ia ficar feia igual você. Vou pagar à vista, sua merda. — Ela colocou os mármores no balcão, pequenas peças feitas de um material branco brilhante. Cada um tinha seu valor impresso em tinta preta. Duzentos. Os copos nem cheios eram.

— Tá maluca, Mina? Isso aí é uma semana de aluguel, mulher — Numa falou baixinho, desesperado. — Falando nisso, já pagou o seu?

— A gente vai estar rico ou morto no final do dia, Numa. Não vai fazer

diferença. Bebe essa porra.

Beberam. A vodca tinha gosto de batata hidropônica, misturada com álcool e matéria negra do espaço.

Era boa pra caralho.

— Traz as máscaras. Não aquelas merdas que eles dão nos treinamentos, aquelas que a gente fez com policarbonato — ele falou, os olhos lacrimejando da bebida.

— Ainda tem aquele holomapa? — Ela passou a mão na borda do copo e lambeu.

— Holomapa?

— Holomapa. Aquele mapa de pulso que acende e mostra as passagens. Até parece que eu não sei que você roubou um, Numa. Até parece que sobreviveu nos túneis porque era esperto. Traz ele.

— Vou levar. Te encontro lá em noventa minutos.

— Porque não umciclo? — Ela riu de um jeito desengonçado.

— Porque eu pareço um idiota falando essas porras de palavras inventadas.

— Você parece um idiota de qualquer maneira, Numa. Não tem muita coisa que te ajude.

— Mina? — Ele falou olhando para o fundo do copo.

— Se você começar a dar uma de bêbado, vou te bater. Juro.

— Traz o seu passaporte.

Os Guardiões estavam no portão de acesso ao corredor da rampa. Eram seis, e só isso já era o suficiente pra garantir que o assunto era realmente oficial. Havia só quatro cuidando do reator agora, o que era um absurdo. Mina e Numa se olharam, desconfiados, enquanto desciam as escadas. Os Guardiões enfiavam uma mulher com extrema dificuldade dentro do traje de combate, devido à falta de um dos braços. Era a doutora dos óculos.

— Puta que pariu — soltou Mina ao descobrir que um doutor viria junto.

— Qual o problema de vocês, ratos? — um dos Guardiões, de capacete, falou pra Mina. — Vivem xingando a cada quatro palavras. Parecem crianças.

— Cuida da sua vida, lata de atum — Mina devolveu, enquanto vestia o traje com espantosa rapidez.

— Você lá sabe o que é um atum, niponesa? Aposto que nunca viu um peixe na vida. — Os demais Guardiões riram junto. Mina apenas rangeu os dentes de raiva.

Numa foi direto até Anarin, depois de vestir o traje de combate.

— Não vou ficar cuidando de ninguém. Eu e Mina sabemos nos virar. Se eu falar pare, parem. Se eu falar ande, andem. Se eu falar vire cambalhota, vocês vão girar iguais aqueles macaquinhos dos filmes. Esse passeio não é nenhum piquenique na estrada.

— Pode deixar, Numa. Ninguém vira Guardiã sendo estúpido. — Ela colocou o capacete.

— Engraçado, olhando pra você eu achei que ser estúpido era um pré-requisito.

Eles desceram a rampa rumo à porta de acesso ao corredor, passando pelo cordão de contenção onde uma multidão de pessoas havia se formado.

As portas depois da rampa eram hermeticamente fechadas, com uma trava de segurança hidráulica, uma elétrica, e um portão pesado de contenção que estava fechado pelo lado de dentro, e era impossível de ser aberto. Havia, no entanto, uma pequena porta nele, do tamanho de uma pessoa, que os Guardiões e os doutores abriram com uma pequena carga de térmite, derretendo o metal em uma nuvem de calor e fumaça, rapidamente sugada pelo sistema de reciclagem de ar.

Do lado de dentro, foi fácil para abrirem o portão de contenção. Restavam apenas as travas elétricas e as hidráulicas.

— Comando, algum progresso? — a doutora falou em um comunicador do capacete. Alguns segundos depois o corredor ficou escuro, iluminado apenas pela lúgubre chama do reator girando. A trava elétrica começou a se abrir com um guincho horrível, fazendo o corredor inteiro tremer, enquanto um ruído de estática preencheu os capacetes.

— Porra de vida! — gritou Numa, mas ninguém ouviu.

Para lidar com a trava hidráulica, um Rino veio à frente, um robô empilhadeira amarelo com dois braços mecânicos que pareciam pinças. Ele era o último que existia em todo aquele setor, e andava em um trilho fixo nos corredores. O piloto, um velho de uns trinta anos, mordia o lábio enquanto manuseava os comandos, enfiando as pinças nos pistões e forçando a porta. Os Guardiões, quando o rino começou a abrir o portão, tiraram das costas uns objetos de metal cinzentos com umas luzinhas engraçadas. Numa chegou mais perto pra ver o que era.

Seu sangue congelou.

— Anarin, sua porra louca, você vai usar armas de fogo nessa porra de expedição? Você tá maluca, mulher? — ele gritou no comunicador. Todo mundo levou as mãos aos ouvidos quando o rádio explodiu em estática.

— Cuida da porra do seu trabalho, Numa! Eu cuido do meu! — ela gritou de volta.

— Se você atirar com a porra de um rifle nas paredes a gente vai morrer mais rápido do que você pode dizer descompressão! — ele gritou de novo.

Um dos Guardiões apontou o rifle para a sua testa.

— Não se preocupe, rato, prometo que não vou errar. Agora, em frente! — Ele empurrou Numa em direção ao corredor.

Quando a última trava foi retirada, o rino mudou as configurações das pinças, esperando para fechar o portão em caso de emergência. A primeira coisa que notaram foi o quão limpo era o corredor. No lado de cá da estação, você conseguia ver as partículas de poeira pequenas demais para serem pegadas pelos filtros, mas ali o ar era claro e limpo. Era, porque a sujeira lentamente começou a invadir o corredor.

As paredes tinham um contraste terrível com a gordura e graxa do outro lado. Eram almofadadas, de um branco puro, com os dizeres e as instruções de direção ainda intactas, e a cada cem metros havia um pequeno sofá branco que Numa nem precisava tocar para saber que devia ser muito fofinho. O corredor era também muito mais estreito, já que ali ainda não haviam sido retiradas as dezenas de camadas de alumina; mas, fora isso, era apenas um corredor.

— Em frente — Anarin sussurrou no rádio.

Lâmpadas acenderam quando eles haviam andado vinte metros. Eram lindas, com um brilho branco claro, e as sombras deles desapareceram completamente. Um piano longínquo começou a tocar uma valsa.

Tchaikovsky.

— *Corredor de Acesso reinicializado. Presenças biológicas desconhecidas detectadas. Favor apresentar identificação.* — Era a voz inconfundível de D.A.N.I.C.A, mas parecia diferente. Mais jovem. Seria possível?

— Hm, acho que talvez isso resolva. — A doutora tirou do bolso pequenos cartões de identificação. Entregou um cartão para cada um deles. — Mostrem os cartões, assim. Ela vai ler o DNA de vocês que está no cartão.

D.A.N.I.C.A passou a identificá-los:

— *Marionete da empresa Nevron Robóticos. Modelo "Sofia". Designação: Auxiliar de Laboratório, versão dois ponto oito. Tempo de funcionamento: vinte anos. Número de série sete sete dois oito nove dois. Dono atual: Maria Simonova. Acesso permitido.*

Anarin deu um passo à frente, mostrando o cartão na frente do rosto.

— *Marionete da empresa Nevron Robóticos. Modelo "GR-A Classe D". Designação: Guardiã de Reator, versão um ponto zero. Tempo de funcionamento: Vinte e oito anos. Número de série confidencial. Dono atual: Federação Russa. Acesso permitido. Armas de fogo autorizadas.*

Os demais Guardiões tinham praticamente a mesma designação. Todos clones a serviço da extinta Federação Russa. Numa mostrou o seu cartão.

— *Marionete da empresa Nevron Robóticos. Modelo "Dmitri". Designação: Auxiliar de cozinha, versão zero ponto oito Alfa. Descontinuado. Tempo de funcionamento: Trinta e quatro anos. Número de série zero zero zero quatro. Prossiga para o setor de reciclagem.*

Numa esperou as risadas, mas nenhuma veio. Ele fechou os olhos.

— *Marionete da empresa Mitsubishi-Sony, Estação Yamato. Modelo "Yin". Designação: Supersoldado, versão 4.0 Prime. Tempo de funcionamento: Vinte e seis anos. Número de série confidencial. Dono Atual: Exército Imperial Japonês, Kenpeitai. Acesso permitido em caráter diplomático. Armas de fogo suspensas. Habilidades psiônicas suspensas. Acesso restrito ao setor administrativo.*

Todos olharam para Mina.

— Mas que porra? Eu me arrasto na graxa pra arrumar canos por vinte mármores a hora. Habilidades psiônicas? — ela gritou para a inteligência artificial.

— *Informações confidenciais protegidas em caráter diplomático. Campo de anulação psiônica em efeito. Alma oceânica suprimida.*

— Talvez seja algum defeito. Vamos em frente. — A doutora guardou o seu cartão. — D.A.N.I.C.A, nos mostre o caminho até o laboratório médico.

— *Pedido aceito, sete sete dois oito nove dois. Holograma de orientação iniciado.*

— O meu nome é Elena — a doutora falou baixinho, mas todos puderam ouvir no rádio.

— *Marionetes são proibidas de utilizar nomenclaturas semelhantes a de humanos, sete sete dois oito nove dois, segundo a lei de dois mil cento e quarenta e dois que revogou o direito de individualidade-*

— Já chega, D.A.N.I.C.A. Obrigado pelo auxílio — Elena suspirou.

— *Posso lhe chamar de Óculos, se quiser. Nós garotas da ciência temos que ajudar umas às outras.*

Eles se entreolharam.

— Alguém mais ouviu a porra do computador fazendo uma piada? — Mina falou baixinho. — Por favor alguém me fala que ouviu isso também.

— A gente ouviu, Mina. A gente tá tão fodido, e não andamos nem duzentos metros — Numa falou, recuando uns passos. Ele olhou na direção do sofá.

— D.A.N.I.C.A, qual o seu tempo de funcionamento ininterrupto? — Elena perguntou.

— *Pedido aceito, Óculos. Nove milhões, setenta e cinco mil, quatrocentas e vinte e duas horas de funcionamento.*

— Óculos, quantos anos dá isso? — Mina perguntou.

— Mil e trinta anos. E uns dias. — Elena riu. — D.A.N.I.C.A, você consegue detectar a outra D.A.N.I.C.A da estação? Sua irmã, eu imagino?

— *Meu acesso termina a duzentos metros. Existe apenas uma entidade D.A.N.I.C.A. Eficiência de noventa e nove ponto nove nove nove nove nove nove* —

— A do nosso lado da estação é uma cópia. Essa deve ser a original. Ela deve ter ficado sozinha aqui durante todo esse tempo. Por isso enlouqueceu. — Elena levou a mão ao rosto para tentar arrumar os óculos esquecendo do capacete. — Aposto que ela não sabe de nada que se passa fora desse andar. Nem sabe sobre o resto da estação.

— Chega dessa loucura, vamos em frente — Anarin rosnou.

Eles seguiram o holograma por mais duzentos metros, uma linha dourada que flutuava no ar. Um pequeno painel se iluminou, com os

dizeres “Laboratório de emergência” em vermelho.

Viraram a esquerda, continuando por mais cem metros, com Numa na frente. Após passarem por mais um dos sofás brancos, as luzes do restante do corredor se acenderam, revelando uma fileira de sacos pretos no chão, junto das paredes.

— Mas que porra... — Numa fez um sinal para que parassem. — Isso são corpos? Óculos, isso são corpos?

— D.A.N.I.C.A, o que são essas coisas? — Elena perguntou.

— *Correção, Óculos. Não são coisas, como marionetes. São seres humanos.*

— Desde quando esses...seres humanos estão aqui, D.A.N.I.C.A? — um dos Guardiões perguntou.

— *Desde o ano de dois mil cento e sessenta e dois, quando a Pleroma foi posta em órbita com os últimos integrantes do comissariado. Operação de resgate completa....* — A voz da inteligência artificial parou por alguns segundos, seguida de alguns cliques que indicavam estar processando uma enorme quantidade de dados, antes de continuar. — *com complicações.*

— A gente tá morto. Puta que pariu, a gente tá morto. — Numa sentou no sofá. Era incrivelmente macio, como uma nuvem.

— Quais foram as complicações, D.A.N.I.C.A? — Anarin perguntou.

— *Pedido aceito. Relatório informa falha na integridade dos sistemas devido à capacidade operacional elevada durante manobras de lançamento. Portas se abriram por trinta e sete segundos. Noventa por cento dos integrantes do comissariado morreram devido a traumatismo em decorrência de ataques causados por almas oceânicas. Cem por cento desses noventa por cento sofreram níveis críticos de infecção. Quatro por cento isolaram o laboratório do restante da estação. Seis por cento sobreviveram e resumiram operações. Quando calculados, os trinta e sete segundos representam um valor insignificante. Taxa de eficiência da entidade D.A.N.I.C.A permanece noventa e nove ponto nove nove nove nove—*

— D.A.N.I.C.A, quantos membros do comissariado que não conseguiram escapar ainda permanecem infectados? — Elena perguntou, a voz quebradiça.

— *Cem por cento.*

— E quantos desses cem por cento ainda permanecem ativos na estação?

Alguns cliques.

— *Cem por cento.*

— Onde eles estão?

Clique.

— *Distância aproximada: Dois metros.*

Eles olharam para os sacos pretos. Estavam imóveis.

— O campo de supressão psiônico ainda está ativo, D.A.N.I.C.A? — Elena olhou para o alto, procurando alguma coisa.

— *Afirmativo. Prioridade nível um, enviado diplomático da Estação Yamato ainda a bordo. Prioridade nível dois, contenção de indivíduos contaminados com a alma oceânica. Contenção de infecção em vigor a nove milhões, setenta e cinco mil, trezentas e duas horas.*

— Essas horas não batem. — um dos Guardiões falou.

— Anarin, parou a palhaçada. Vamos voltar. Avisa pro seu comando aí dos níveis superiores que a estação pode estar em risco. — Numa bateu no capacete de Anarin de leve.

Ela permaneceu imóvel. Os olhos dardejavam, e ela suava debaixo do visor. Numa entendeu na hora.

— Puta que pariu. Eles não sabem. Você veio aqui pra roubar alguma coisa. — Numa riu, nervoso. — Você ia me dar a grana, Anarin? Tem mesmo os vinte mil mármorez na jogada?

Anarin permaneceu calada. As mãos tiraram um objeto cinza da cintura, com um longo cano que parecia um filtro de cigarro. Uma pistola. Numa nunca tinha visto uma pistola na vida.

O restante dos Guardiões fez o mesmo.

— Se fizer a porra do seu trabalho, Numa, sua recompensa é voltar pro seu buraquinho imundo que você chama de porão. Você, a doutora e a sua namoradinha. Estamos procurando antioxidantes genéticos. Vai nos ajudar a achá-los.

— Antioxidantes já não existem faz uns séculos. Tanto as receitas quanto os materiais foram perdidos num incêndio — Elena falou, erguendo a única mão.

— Vamos torcer para que esteja errada, Óculos. Agora, vamos até o laboratório. Você na frente, Numa. Depois você, Supersoldado. Você vai no meio, doutora. Nos avise quando encontrá-los.

Eles seguiram pelos túneis, passando por fileiras de sacos pretos.

Conforme adentravam no setor, os sacos iam ficando mais e mais desarrumados, e manchas escuras tomavam as paredes e o chão. Quando chegaram finalmente às portas do laboratório, eles estavam empilhados até o teto.

— Sete sete dois oito nove dois solicitando entrada ao laboratório — Elena falou para a porta. Um clique depois, ela abriu.

O laboratório era um açougue. Havia manchas de sangue nas paredes, no teto, nas mesas. Pedacos de carne estavam espalhados pelas mesas, e esqueletos com jalecos brancos estavam em pedaços pelo chão.

— Não faz sentido. Porque esses pedaços ainda estão nesse estado, e os caras do laboratório já viraram esqueletos? — O Guardião cutucou um dos doutores caídos. Alexei alguma coisa. O resto do crachá estava sujo de sangue.

— A infecção. Ela preserva. Pra sempre — Elena falou, do canto da sala. Estava tremendo.

— Onde vamos poder achar os antioxidantes, doutora? — Outro Guardião enfiou a pistola nas costelas dela. — Aponte com a sua mãozinha.

Elena olhou em volta, como se tivesse se dado conta de onde estava pela primeira vez. Apontou para um armário de vidro, que estava fechado. Outro Guardião tentou abrir o armário, mas sem sucesso. O que estava do lado de Elena a levou pelo braço até o armário.

— Sete sete dois oito nove dois solicitando acesso ao armário de antioxidantes. Um clique, e o armário abriu.

Anarin assobiou. Havia vinte caixas de antioxidantes, com vinte injeções cada. Os Guardiões começaram a guardá-las com cuidado.

— Quanto tá valendo uma dessas, Anarin? — Numa perguntou.

— Por dez anos a mais de vida? Tem gente pagando duzentos mil mármore. — Ela riu.

— Por caixa?

— Por dose. Essas belezinhas retardam a degeneração celular indefinidamente. É tipo o que os caras lá de cima desenvolveram pra viver pra sempre, só que pra marionetes.

— Puta que pariu. — Mina falou entre os dentes.

— Quer viver pra sempre, Anarin? — Elena perguntou.

— Ninguém quer viver pra sempre nesse inferno. — Anarin observava enquanto os Guardiões terminavam de enfiar as caixas nas mochilas. —

Mas quero viver mais do que os malditos quarenta anos limite. E quero viver bem. Talvez umas semanas em Valhalla, até.

— Filha da puta! — Mina avançou em direção a Anarin, mas a Guardiã foi mais rápida. A pistola emitiu um ruído seco, quase um engasgo, e Mina voou, caindo por trás de uma mesa.

Numa não se mexeu.

— *Incidente diplomático em andamento. Restrições canceladas. Equipe médica a caminho.*

Tão logo a inteligência artificial fez o anúncio, um pequeno aparelho começou a tocar um bipe rítmico. Anarin apontou a arma na direção do barulho, mas começou a rir logo em seguida. No pulso de um dos esqueletos, um pequeno holograma brilhava: “Doutor Alexei, favor comparecer ao laboratório de emergência. Incidente diplomático.”

Ela riu alto, fechando os olhos. Quando abriu, um pequeno escalpo flutuava logo à frente do seu visor. Ela foi rápida, mas não o suficiente. O escalpo entrou, cortando sua orelha e estilhaçando o visor, enquanto ela caía no chão.

Os outros Guardiões reagiram lentamente ao que aconteceu, apontando suas pistolas para Numa e Elena. Mina aproveitou para empurrar a mesa em cima deles com um grito. Um tiro passou a dois centímetros da cabeça de Elena, alojando-se na parede atrás, onde um assovio começou a soprar.

Mina pegou a mão de Elena e saiu tropeçando da sala. Numa atirou por reflexo algo que estava em cima da mesa em Anarin, que se levantava para atirar nele, quando foi atingida em cheio no rosto por algo mole e pegajoso.

Era uma mão.

— *Infecção por alma oceânica em andamento. Iniciando medidas de contenção. Guardiões de Classe A e acima, o campo de supressão psiônico está agora suspenso. Utilizar habilidades psiônicas e armas de fogo de calibre alto para conter infecção.*

Anarin tirou a mão decepada do rosto, cuspiendo sangue.

Os outros Guardiões fecharam as mochilas, deixando cair algumas caixas de antioxidante e carregando Anarin para fora. Um deles atirou em Numa, Mina e Elena, que corriam no corredor oposto, mas errou. Os Guardiões seguiram rumo à saída, mas, no caminho, começaram a ouvir o

barulho de zíperes.

Os sacos pretos estavam abrindo lentamente, como se uma mão invisível estivesse abrindo-os pelo lado de fora.

— Mais uns metros, Chefe, a entrada é logo ali — um deles falou.

Anarin começou a sofrer espasmos, e eles a deitaram no chão, a cem metros da saída. O velho que operava o rino começou a fechar as portas ao ver os Guardiões voltando cobertos de sangue, mas um deles apontou o rifle para a cabeça do operador.

— Pode deixar aberta, velhote. Só vai fechar quando a gente sair.

— Chefe, tá me ouvindo? — um dos Guardiões perguntou, mas a resposta veio na forma de um golfada de sangue em seu visor.

O Guardião encostou o rifle no rosto de Anarin e apertou o gatilho.

Os cinco ficaram em silêncio, enquanto o eco reverberava pelo corredor. Em seguida, resignados, viraram em direção ao corredor, de costas pra saída, engatilhando os rifles.

— Pode fechar, velhote! — um deles gritou. Nenhuma resposta.

O Guardião olhou para trás, e o rosto do velho estava esticado, os olhos congelados em suas órbitas. Ele saiu de cima do rino e começou a correr. O Guardião virou-se para o corredor.

Sombras oleosas começavam a aparecer. Eram longas, com braços ainda mais compridos, e a cada segundo que olhava para elas, pareciam se esticar ainda mais. Pequenas membranas invisíveis pareciam penetrar em seus olhos, comprimindo-os, fazendo as sombras se esticarem ainda mais, até que pareciam ter o dobro de sua altura.

O rifle caiu no chão.

— Pra onde é a porra do elevador, Numa? — Mina gritou, ofegante. Ela segurava o abdômen, onde uma mancha continuava a se expandir com rapidez.

— Pra lá! Pra lá! — Ele apontou para o corredor à direita, enquanto olhava para o holomapa.

Eles correram até o final do corredor, onde uma pequena porta de vidro esperava.

— *Acesso ao setor administrativo é restrito. Apresentar identificação.*

— Sete sete dois oito nove dois, solicitando acesso ao setor administrativo — Elena balbuciou.

— *Acesso negado. Aguarde uma equipe de segurança para ser detida, Óculos, por suspeita de espionagem.*

Mina gritou de dor.

— Qual era a porra do meu modelo que ela disse quando tava escaneando a gente? — Mina perguntou, rangendo os dentes.

— Yin. Era yin. — Numa respondeu.

— Marionete modelo Yin, em visita a Estação Pleroma, solicita acesso ao setor administrativo. — Ela falou, tentando manter a voz calma.

— *Qual a natureza de sua visita, modelo Yin?*

— É confidencial.

— *Registros de vigilância informam que a agressão sofrida pelo modelo Yin foi em represália a uma tentativa de ataque a uma marionete GR-A Classe D. Essas imagens serão utilizadas em uma possível mesa de negociações entre o comissariado da Estação Pleroma e a Estação Yamato. Além disso, o modelo Yin precisa de atendimento médico. Sugiro se dirigir ao laboratório emergencial.*

— Abra a porra da porta! — Mina gritou para o painel do elevador, que respondeu com um clique.

— *Pedido aceito. Tenha um bom dia.*

Eles entraram. O botão “Administrativo” estava aceso, e Numa o apertou, enquanto Elena tentava estancar o sangue.

— A bala entrou e saiu sem atingir nenhum órgão. O ferimento não é grave, mas ela está perdendo sangue. — Elena tirou uma pequena bolsa da cintura, e, de dentro dela, tirou um aparelho que parecia um grampeador.

E era mesmo um grampeador. Mina gritou de dor. Elena aplicou uma injeção no pescoço dela, e colocou Mina de pé. Ela começou a sorrir.

Elena levantou, coberta de sangue. Estavam percorrendo os andares, e logo chegaram aos setores residenciais da Estação Pleroma.

— Alguém precisa avisá-los — Elena falou para Numa.

Ele olhava fixamente à frente, para as pessoas que iam passando. Num dos trilhos tinha três pessoas, pensou ele. No outro trilho...

— Numa? — Elena sacudiu o seu ombro.

— Se pararmos em qualquer lugar, ou falarmos alguma coisa, vão prender a gente, e isso só vai servir pra gente morrer aqui com todo mundo. — Ele falou baixinho.

O elevador parou no setor de compras. Um casal entrou, rindo sobre alguma coisa que eles estavam conversando antes. Deram bom dia, tão distraídos que não notaram os três Guardiões manchados de sangue.

Saíram no terceiro andar do setor de compras. Numa viu os sofás brancos a venda. Quinhentos mármores. Vinte por cento de desconto. Uma AIA entrou com um bebê no colo. Os servomotores do androide faziam um ruído agradável, como milhares de pequenas engrenagens fazendo tique-taque. Elena olhou para Mina, que ainda estava em outro planeta, e depois para Numa, desesperada.

Ele balançou a cabeça, negativamente.

A AIA saiu do elevador, e ninguém mais entrou até alcançarem o setor administrativo. Mina tinha se recuperado um pouco, e quando saíram, ela foi na frente, desviando das pessoas vestidas de ternos bem cortados. Passaram por um saguão imaculadamente branco, e seus olhos foram imediatamente atraídos para uma aglomeração.

Em cima de uma cadeira de rodas motorizada, com dezenas de tubos intravenosos que entravam pelas mãos — e, embora não pudessem ver pela manta púrpura que os cobria, provavelmente haviam mais tubos nos pés — estava um ser humano. O rosto era cinzento e flácido, e os olhos vermelhos e opacos, mas estava vivo. Não era um clone, com um número de série. Dúzias de pessoas conversavam com ele — ou ela, porque não era possível ter certeza que se tratava de um ou outro — paparicando.

Numa cutucou as duas. Elas continuaram em frente, procurando alguma das cápsulas, mas o setor administrativo era enorme. Uma atendente, loira e com olhos azuis profundos, percebeu a confusão deles e se aproximou, sorrindo.

— Olá! Não esperava um modelo de Yamato hoje. Posso lhe ajudar em alguma coisa? — ela perguntou, incrivelmente solícita.

— Eu... acabei vindo um pouco adiantada, na comitiva para análise do reator, mas sofri um pequeno acidente. Eles estão me ajudando a achar uma cápsula de volta. — Mina fez um gesto em direção a Numa e Elena.

— Esse pessoal do setor de Guardiões adora colocar as pessoas nesses trajes, né? Eles fazem isso o tempo todo! Sinto muito que tenha sofrido

algum acidente. Vou providenciar uma cápsula de volta para Yamato neste instante. — Ela apertou um botão em um tablete holográfico. — Apenas para fins de registro, tem aí o seu passaporte?

— Tenho. Está no meu bolso. Numa, pode pegar? — Ela gemeu baixinho.

Numa respondeu com um sorriso, procurando o passaporte. Estava lá. Ele quase não acreditou.

— Tudo certo! — Ela carimbou o passaporte. — Podem ir ali naquela entrada, onde tem uma cápsula que acabei de liberar para vocês. É só selecionar Yamato no menu de opções e estará em casa em algumas horas! Esperamos ver os seus modelos em Pleroma novamente! — Ela se despediu com um sorriso.

Eles foram até a cápsula, que estava acoplando. A porta se abriu e os três entraram, no mesmo instante que o sistema de som fez um anúncio.

— Senhores e senhoras, estamos com um momentâneo imprevisto no reator. As luzes de emergência podem piscar algumas vezes. Em caso de blecaute, sigam as faixas luminosas...

A atendente, lá longe, os observava com um olhar de confusão em meio ao sorriso congelado. Ela correu para chamar alguém.

Alguns Guardiões dispersaram a multidão em volta do humano, e o escoltaram a algum lugar que julgavam ser seguro.

O painel da cápsula indicava com um led luminoso os destinos possíveis. El Cid, Nadir, Amazônia, Ragnar, Myang, Marselha.

Numa apertou o botão para Yamato. Com uma vibração suave, a cápsula se despreendeu, e os retrofoguetes começaram a impulsioná-la. O led agora mostrava um pequeno diagrama da rota da cápsula até a estação Yamato. Tempo de chegada, noventa minutos.

A cápsula, quando em rota, projetava nas paredes a visão de fora, dando a ilusão de que ela era inteiramente transparente, e que estavam flutuando no espaço. Os três olharam enquanto Pleroma ia se distanciando, um pequeno farol de luz na imensidão do espaço. Uns vinte minutos depois, ela se apagou, e tornou-se invisível em meio ao negro. Passaram então a observar a esfera lá embaixo, com seus oceanos vermelhos e as enormes crateras nos continentes.

Na parte escura, ainda brilhava uma miríade de luzes, cidades inteiras

funcionando eternamente sem nenhum ser vivo, marionete ou humano.

Marlon Ortiz, escritor nascido em Florianópolis, Santa Catarina, atualmente cursa Sistemas de Informação na UFSC. Gosta de misturar gêneros para criar histórias diferentes, especialmente ficção científica e fantasia, voltadas a explorar uma realidade igual a nossa onde alguma coisa é completamente diferente. Seu maior hobby são videogames e ver vídeos de receitas de torta que ele não vai conseguir fazer. Acabou de acabar um conto chamado "Uma Tempestade Determinística" que é uma introdução ao seu projeto maior, o livro "No Jardim do Demiurgo." Os dois estarão na Amazon em breve.

Leia a entrevista sobre o conto.

O CHAPÉU DO MAGO

Guilherme Lopes

Editado por Rodrigo van Kampen

Era um chapéu formidável. Protuberava sobre a aba como uma grande joia, o tecido rígido lapidado em vinte e seis faces — oito delas brilhantes triângulos roxo-cósmicos, perfeitamente equiláteros, doze faces quadradas levemente translúcidas verde-chá, e outras seis opacas e amarelo-ocre. O chapéu era enorme, e seria pesado demais para que o mago erguesse a cabeça se não fosse também mágico.

Um fazendeiro o observava da beira da estrada. Também tinha um chapéu, um disco de palha que sombreava seu rosto rosado, suado e simpático. Era meio-dia. O mago se aproximou, sorrindo de volta, e a poucos passos do homem tirou o chapéu formidável com uma mão, curvando-se enquanto o levava ao peito.

“Saudações arquimédicas,” disse o mago.

O fazendeiro começou a tentar imitá-lo, mas desistiu a meio movimento e se limitou a erguer o chapéu de palha, revelando por um instante sua calvície.

“Trilhas sãs e dias claros para o senhor.”

“E de fato como são claros e quentes os dias daqui! Sem ofensa ao clima desta parte do mundo. Venho buscando afoito por uma desculpa para tirar este chapéu abafado já há algum tempo, então agradeço por poder cumprimentá-lo. Será que poderia lhe pedir um segundo favor, meu caro?”

O fazendeiro arregalou os olhos para todas aquelas palavras e gaguejou uma afirmativa que esperançou suficiente. Apoiou-se com mais empenho na enxada, concentrado, para entender tudo o mais que o mago diria.

“Acontece que vou ao encontro do Rei Dourado em seu Castelo Dourado. Fui, bem, convocado,” ele retirou o chapéu, se abanou uma vez, e puxou de dentro dele um rolo de pergaminho com o Selo Real. Era o mesmo das cobranças que o fazendeiro recebia sobre as taxas de banalidades. O mago abriu o rolo e apontou para o amontoado de tinta

como se o outro soubesse ler.

“Bem, o senhor está na estrada certa. É a Estrada da Coroa, e logo chega aos portões da capital. E dali até o castelo. Acho que até a Sala do Trono. Não sei. Mas precariamente, digo, provavelmente,” disse, e se orgulhou por só ter tropeçado em uma palavra.

O mago fez um gesto estranho com o polegar, enrolou e guardou o pergaminho, e colocou o chapéu de volta.

“Obrigado, Francis,” disse o mago, sorrindo.

Francis só perceberia o fato de não ter se apresentado muito depois, quando estivesse ruminando o encontro à luz dormente do crepúsculo, a enxada vagarosa em seus movimentos, secundária nos pensamentos, estática quando percebesse, abandonada quando se fascinasse, repetindo a palavra que se ocultara até ali, baixinho, sussurrada como só sussurrava suas preces: mago, mago, *mago*.

O mago observava atento o chão. Parecia cabisbaixo, mas apenas receava perder a trilha da estrada. Só percebeu que chegara à frente dos grandes portões da capital do Reino Dourado quando o mosaico de ladrilhos foi coberto pela sombra da muralha. Ele ergueu a cabeça para as duas torres de pedra que ladeavam os portões, envoltas em musgo como num cobertor, seus telhados vermelhos pontilhados de ninhos de só-assoivos. Teve de segurar seu chapéu para evitar que caísse para trás. Eram torres altas.

Pessoas passavam ao lado resmungando alguma coisa sobre alguém estar bloqueando o caminho. Vestiam tons de verde, amarelo e marrom, empurrando carrinhos de frutas e peixes e batendo cajados enquanto tentavam manter suas ovelhas e crianças à vista. Aqui e ali vislumbrava-se uma túnica púrpura ou uma esvoaçante capa carmesim, vestidas por alguém importante e rodeado por homens de armaduras resplandecentes. Todos evitavam, como possível, o mago — à primeira vista julgavam seu chapéu e sua falta de pressa, erguiam as sobrancelhas, e então desviavam os olhares e os passos. O mago seguiu a correnteza e conseguiu não tropeçar em nenhum pé.

Sob o arco do portão, apoiado na parede, havia um guarda bocejante vigiando a multidão. Seu elmo de um dourado enferrujado estava torto, mas ele o endireitou para poder ver melhor aquela forma geométrica estranha que despontava entre as cabeças. Então encontrou o rosto do mago, que revelava um misto de curiosidade e confusão ingênuos, e sorriu para si. Abriu alas até ele com todo o poder de sua autoridade em uma invejável linha reta.

“Trilhas e dias, senhor viajante. Por favor me acompanhe. Seja bem-vindo ao Reino Dourado.”

“Trilhas difíceis, meu caro soldado! Obrigado!” disse o mago, errando um tanto o volume da voz e alarmando algumas pessoas ao redor. Uma matrona estreitou os olhos para ele, e as crianças que a acompanhavam berraram “De nada! De nada!” em resposta, rindo. O mago acenou para elas, entusiasmado. O guarda pigarreou alto.

“Venha comigo. Vamos regularizar a situação da sua viagem.”

“Mas é claro, prazerosamente. Gostaria de dizer que foi o desconhecimento que causou essa minha negligência em regularizar a visita — de fato, não sabia dessa necessidade até o presente! Perdoar-me-á, esperança. Ah, este abafamento de humanidades está me matando, temo pelos meus pés. Somos como líquidos viscosos em um funil.”

O guarda deu um sorriso rígido para o mago enquanto o guiava, fingindo compreendê-lo sobre a cacofonia. Foram até um canto especialmente sombreado que se formava no encontro entre a torre e a muralha interna, à margem da multidão. Cogumelos gordos e sarapintados cresciam aos seus pés.

“Senhor viajante, presumo que ainda não tenha realizado o pagamento da Taxa de Passos?”

Tomas, o guarda do portão, tinha algum orgulho de sua longa lista de nomes tributários. Os últimos haviam sido Grã-gorjeta, Preço-de-chegar, e Auxílio-para-prevenção-de-violência-pelo-guarda-do-portão.

“De fato, honrado homem-de-armas! Ignorava essa taxa, conforme mencionei. Quanto devo ao Reino Dourado? Desejo remediar minha situação imediatamente.”

Tomas fez um rápido julgamento da pessoa do mago, pesando as vestes simples e a ausência de bagagem de um lado, e o chapéu, bastante impressionante, de outro. Hoje estava se sentindo um tanto ambicioso, e

sua mãe sempre lhe dissera que *mantos rasgados podem ter bolsos profundos*. Tomas tinha sua mãe em alta conta.

“A taxa é de seis moedas de ouro.”

O mago não hesitou em tirar o chapéu teatralmente e começar a tatear seu interior. Tomas se permitiu um tique nervoso que fez curvar as pontas de seus lábios para cima.

“Receio ter apenas as frações dessa soma à mão. O chapéu é uma bagunça, você entende.”

Tomas concordou impacientemente, na verdade só meio-entendendo, e olhou em volta — algumas pessoas já começavam a olhá-los. Estava acostumado com contribuintes mais discretos.

“Aqui está uma *bronzeléia* de Plisseus, que deve valer sete treze avos de uma das suas moedas de ouro. Eu acho. Vejamos. Estou sentindo algumas conchas celefáticas aqui dentro, mas elas são tão escorregadias. Ah, eu tenho um punhado de Papéis-de-Gaspar, mas os bancos do Leste são um pouco longe demais para que você possa trocá-los, não acha, meu caro Tomas?” O mago riu simpaticamente. “De qualquer forma, vá segurando-os para mim. Estes, por outro lado, devem servir. São *coinages d’ágata*, do Princesado Julicrático. Bonitos, não é? Você deve saber que estão valendo um pouco menos do que uma moeda de prata esses dias, mas os cidadãos do Reino Dourado são mais que merecedores da minha boa-vontade. Ficarei feliz em arredondar a diferença.”

O guarda estava encontrando dificuldades em conter a crescente tilintação de moedas exóticas entre suas mãos e ao mesmo tempo manter a compostura para rebater os olhares do não tão pequeno grupo de curiosos que começara a se formar.

“Suponho que não sirvam estas moedas-furadas do Reino Prateado. A guerra, claro,” continuou o mago, incerto, segurando uma delas entre o indicador e o polegar e observando Tomas pelo buraco quadrado.

Nesse momento Tomas percebeu que a patrulha da capitã da guarda, que possuía elmos muito mais polidos que o seu, marchava na direção deles, provavelmente atraída pela platéia que se formava ao redor da conjuração de moedas que o mago realizava com espalhafato. À menção das moedas do Reino Prateado, pôde imaginar perfeitamente uma acusação de traição e espionagem levada às suas últimas e desagradáveis consequências, cortesia de algumas pequenas provas metálicas, simples

mas cabais. Não viviam em tempos tão tolerantes à deserção quanto eram ao suborno.

“Não! Isto é, já está certo. Está bom, está ótimo-ótimo. Tenho de ir, ah, cumprir meu dever, longe daqui. Aproveite sua estadia,” disse Tomas, e se afastou, deixando cair uma quantidade de Papéis-de-Gaspar em sua pressa. Os que não se espalharam ao vento foram agarrados por crianças, mastigados por uma cabra, e disputados por uma dupla de comerciantes que acabaram rasgando mais do que resgataram.

O mago deixou cair o restante das moedas para dentro do chapéu e tornou a colocá-lo, apenas para tirá-lo de novo, cumprimentando as pessoas que vieram assistir à coleta da Taxa de Passos. Elas comentavam o ocorrido, rindo e lançando olhadelas nervosas para ele enquanto se dispersavam, algumas devolvendo seu gesto.

Quando todos os espectadores se foram, o mago voltou a seguir a Estrada da Coroa, já convertida em uma larga avenida, na direção do castelo que se erguia no horizonte.

Tomas guardaria aquelas moedas estranhas, por medo e vergonha e por causa de algo de que não tinha certeza. Ele as daria a sua filha em um dia fresco e distante com mãos enrugadas, algumas por vez como o mago lhe dera, dizendo seus nomes de que nunca esquecera, e elas tilintariam, e ele não contaria a história, mas se lembraria do mago e do chapéu, e daquele dia quente e sonoro em que os Papéis-de-Gaspar voaram pelo céu azul da cidade como se fossem livres.

O mago seguiu os ladrilhos gastos da Estrada da Coroa pelas avenidas do distrito comercial até chegar ao portão do castelo. Os guardas dali usavam elmos dourados como os guardas da muralha, mas com as viseiras abaixadas, fazendo parecer que tinham bicos. Descruzaram as alabardas, permitindo sua entrada assim que lhes mostrou a carta do rei. O mago atravessou a ponte levadiça, ouvindo a água do fosso lá embaixo se perturbar com os movimentos ansiosos de jacarés.

O jardim do castelo era primoroso. Ele seguiu por uma trilha de pedras ocasionais, estreitando entre cortinas de salgueiros-chorão que deixavam

escapar vislumbres de pequenas lagoas, vivas com o coaxar de rãs e vultos coloridos de carpas. Alargou os passos sobre as enormes raízes de uma bela-sombra e passou por um corredor de ipês em flor, rosas e brancos e roxos. Uma única araucária disputava com a altura das muralhas internas. Ele encontrou um arco de pedra ao fim da trilha serpeante, ladeado por samambaias que pendiam de armações delicadas, parecendo flutuar. Entrou.

Era uma antessala cavernosa, fria se comparada com o dia lá fora, e escura senão pela luz tênue de um par de velas que descansavam sobre uma mesa de madeira em seu centro. Um homem, usando um chapéu preto e sem adornos que fez o mago sentir profunda pena, se curvava sobre a mesa e escrevia. Sua caneta-tinteiro desenhava linhas elegantes sobre o pergaminho, e ao seu alcance havia um carimbo do Selo Real. Os passos do mago ecoaram até lá, mas o homem o ignorou e continuou a escrever. Por fim, com um floreio majestoso da caneta-tinteiro, ele terminou de assinar um nome, ergueu seus olhos cansados e displicentes para o mago, e então, lentamente, para seu chapéu. O mago aproveitou a atenção para fazer uma medida e mostrar a carta de convocação que recebera.

“Saudações paracélicas e meus votos para um fabuloso dia! Minha visita se dá em razão deste fatídico pergaminho,” começou o mago.

“Sim, sim. O senhor é aguardado.” O escriba apontou para a única porta, atrás de si.

“Ah, perfeito. Sou-te grato, Igor.”

Igor resmungou alguma coisa impolida, puxou um pergaminho em branco e voltou a escrever.

A porta era grande e coberta por relevos dourados de leões, peixes e macacos com juba, seus longos rabos formando filigranas. Não rangeu quando o mago a empurrou.

A Sala do Trono parecia maior do que a antessala, mas talvez fosse a luz.

Raios solares encharcavam o salão, coloridos pelos vitrais em mil geometrias que se espalhavam pelo chão. Havia um corredor de pilares de mármore com motivos ondulantes, imitando troncos de árvores que surgiam de nuvens esculpidas em sua base e se resolviam em um teto pintado celestialmente, dividido em partes de quase-negro salpicado de

constelações e azul-aurora que cercava uma profusão de nuvens rosadas. No final do corredor e sobre um estrado surgia o trono, alto e estreito, de madeira nobre e emoldurado em ouro. Daquela distância, parecia ao mago que um amontoado de roupas estava jogado sobre ele.

Não foi anunciado e se aproximou nas pontas dos pés, trazendo seu chapéu junto ao peito no caso de alguém importante aparecer. Quando chegou a talvez vinte passos do trono, percebeu que o amontoado de roupas era o Rei.

O Rei Dourado estava afundado no assento, o queixo tocando o peito, uma mão sobre a testa cobrindo os olhos em uma posição sincera de exaustão. Estava envolto em um manto amassado de verde profundo. A coroa, mesmo torta, não deixava de ser magnífica — ouro branco maciço, incrustado de jades e citrinos e safiras que fulgiam ao sol. O mago ouvira falar que reis gostavam que pessoas se ajoelhassem, então o fez. O Rei pareceu notar o farfalhar das vestes, porque estremeceu, como se acordasse de uma meditação.

“Igor, pedimos que não concedesse audiências hoje. Exceto para magos.”

“Trata-se da exceção, Majestade,” respondeu o mago.

O Rei levantou a mão muito pouco, apenas o suficiente para permitir que um olho semicerrado mirasse o visitante. Então deu um longo e pesado suspiro, e com um vigor que poderia ser uma mentira para si ou para o mundo, ou ainda não ser mentira alguma para ninguém, se empertigou com naturalidade praticada contra o espaldar, transformando-se. Era um rei jovem de olhos velhos e verdes e vivos que sabiam mais do que supunham, a pele escura como madeira à sombra, mas sem rugas ou nós, e um sorriso exato, que não convidava à fala mas a permitia. Ele já conquistara uma nação por laço de sangue, outra por carisma, e mais duas por força de armas.

“Boas-vindas, mago. Por favor, fique à vontade. Que belo chapéu.”

“Sou-lhe grato e admiro seu bom gosto, Magnificência. Trata-se de um perfeito rombicuboctaedro,” disse o mago enquanto se levantava e colocava o chapéu de volta orgulhosamente.

Houve um movimento atrás de um dos pilares próximos, e alguém se revelou e galgou o degrau do estrado, embora o mago não tivesse visto ou ouvido outra pessoa no salão. Era o homem da antessala, baixo e curvado

como se esquecesse que não estava mais escrevendo à pouca-luz. Tinha mechas grisalhas no cabelo apesar de não ser velho, e seu rosto pálido ficava na mesma altura do ouvido do Rei. Ainda usava seu chapéu preto e direcionava ao mago um olhar de inconfundível desprezo. Por sua vez, o mago pareceu deleitado em revê-lo.

“Admitidamente, surpreendi-me! De onde surgiu? Será o caro Igor também um artista das forças arcanas?”

“Não atribua à magia o que pode ser explicado por competência,” respondeu Igor, seco.

O mago sorriu.

“Igor nos disse que magos não têm nomes propriamente ditos,” disse o Rei. “E que atendem pelo nome de seus... ah, domínios? Áreas?”

“Especialidades, Majestade,” intercedeu Igor.

“Especialidades,” repetiu o Rei, com um toque de ironia. “E qual seria a sua, mago?”

“Eu sou o Mago dos Chapéus.”

O Rei o considerou por um momento e então consultou Igor silenciosamente, as sobrancelhas erguidas em questionamento. Igor encolheu os ombros. O Rei decidiu por pigarrear, e encarou o mago com olhos frios e fixos.

“Seremos diretos. Nosso amado Reino Dourado será em breve um Império. O Reino Prateado está, para quase todos os efeitos, derrotado. Os servos da terra se manterão leais, e as casas nobres já estão sob nosso domínio graças aos esforços de Igor. Em suma, mago, estamos em posição para ocupar o centro do poder do Noroeste do Mundo. Isso vai acontecer, certo como o crepúsculo.”

“Minha fascinação só é igualada pela satisfação do aprendizado, Majestade. As atualidades desta parte do mundo não me são familiares, e agora sou agraciado até pelo conhecimento do futuro.”

“Enviamos mensageiros com o Selo Real,” continuou o Rei, ignorando-o, “para cada um dos picos, pântanos, cavernas e torres abandonadas cujos rumores sobre magos nos apontaram. Procuramos seus líderes em cada guilda, ordem e culto imagináveis.”

“Não temos afinidade por pessoas,” observou o mago.

“Fizemos tudo isso porque enxergamos o poder impregnado nas histórias de que nos lembramos dos livros da infância,” a isso Igor fez uma

expressão azeda que deixou claro que o plural não o incluía, “mas nosso objetivo é pragmático. Queremos a sua vassalagem, e em troca a fundação de uma Ordem Real de Magos de Guerra. Realizaremos grandes feitos juntos. As nossas preocupações militares se voltam para a Velha Frísia, que agora tem uma fronteira direta conosco. Nós a venceremos como vencemos os prateados. Os espólios serão generosos, e os magos terão o potencial de se tornar tão poderosos quanto outrora. Grandeza, meu caro mago, é o que nos espera,” e seus olhos faiscaram, como se deixassem escapar por fim um pouco do calor das palavras.

O sorriso do mago se esvaíra há algum tempo.

“Já recrutamos dois dos seus,” disse o Rei, observando-o para descobrir que parte do que oferecia o desagradava.

O mago pareceu surpreso pela primeira vez.

“Quem?”

“Quem, *Majestade*,” ressaltou Igor. O Rei fez um aceno displicente para dizer que não se importava.

“Fazem parte de nossa corte o Mago de Magenta e o Mago de Besouros,” disse o Rei, um tanto cauteloso, como se não tivesse ainda plena certeza de que aqueles títulos não fossem uma piada. “De fato, o chamado Mago de Magenta foi particularmente insistente em reivindicar os melhores aposentos do castelo, e tem opiniões enfáticas sobre decoração. Recebemos reclamações dos arquidukes até hoje.”

O mago transpareceu alívio com isso. Ele pensou um pouco, ajeitando o chapéu, e então falou ao Rei Dourado com um tom de quem explica um mal-entendido.

“Compreendo agora, Alteza! Infelizmente, é de rigor que eu os emergja de volta à superfície da realidade. Meu colega Mago dos Besouros é o detentor de uma alma gentil e caridosa, incapaz de responder em negativa a qualquer pedido, mas similarmente avesso à noção de violência e ao acúmulo de poder. Posso atestar que sua aceitação em participar do, ah, *projeto* de Vossa Majestade foi puramente ingênua e não sobreviveria à realidade da guerra. Receio que, quanto ao Mago de Magenta, exista um similar desinteresse em ajudá-los, não pela sua abominação de violência, mas pela abominação de esforço em geral, além da propensão dessa pessoa para a dissimulação e a ironia. Repreendê-lo-ei, garanto-lhes.”

O silêncio se espalhou pelo salão como uma teia de aranha. O mago

sorriu, incerto, para Igor e o Rei. E então, como se tivesse esquecido de algo, levou a mão à testa com um gesto teatral.

“Cento e três perdões por ter me esquecido de responder diretamente vossa pergunta quanto à oferta dirigida a mim, Majestade! Percebo agora que devo fazê-lo formalmente. Não.”

O mago deixou a palavra revoar por um momento que presumiu razoável, tirou o chapéu, curvou-se, colocou-o de volta e girou nos calcanhares para ir embora.

“Quem é você,” disse o Rei, “para me dar as costas?”

Algo se moveu para dentro do campo de visão do mago com rapidez, e ele sentiu metal frio tocando a parte macia de seu queixo. Igor, brandindo uma rapieira e incapaz de ocultar uma expressão de satisfação, roçou a espada muito levemente sobre sua pele para sugerir que se voltasse para o trono. O mago o fez. O Rei havia se levantado, e seus olhos arregalados pareciam brilhar tanto quanto as jóias da coroa, embora sua voz permanecesse perigosamente neutra.

“Vocês magos zombam de mim,” disse o Rei, “com seus falsos títulos e seus truques.”

“Bem, isto é tudo um tanto desagradável, Majestade.”

“Não me tente, mago. Eu pensei que trataria com mestres de artes piromânticas e invocadores de monstros e senhores sobre mentes humanas. Eu não sei se vocês ocultam suas forças por covardia e pequenez ou se são realmente tão decadentes quanto parecem. Não importa. Rejeitar a minha oferta seria uma decisão aceitável, ainda que não sábia. Mas fazer zombaria de mim,” o Rei tocou a própria testa. Veias saltavam em suas têmporas. “Isso, não. Eu sou o Rei Dourado. E serei Imperador.”

“Mas você é apenas um homem,” disse o mago, levemente perplexo, como se explicasse uma obviedade. Igor apertou a lâmina contra seu queixo, para cima, obrigando-o a erguer a cabeça. Por consequência, o grande chapéu geométrico escorregou, oscilando no ar enquanto caía, como faz uma pena levada pela brisa.

Assim que tocou o chão, Igor foi derrubado por uma profusão irrazoável de chapéus.

Caíram sobre ele como uma montanha multicolorida de barretes e boinas e capelos e chapelões e capuzes, seguidos por uma chuva de gorros, e até um cone com estrelas e um tricórnio que estava na moda em

Plisseus, e pelo menos uma tiara, que rolou do topo do relevo recente para descansar ao lado do que parecia ser uma peruca de cabelos grisalhos e um capacete militar de couro de lagarto. A presença de Igor ainda podia ser deduzida pelos tremores de um deslizamento de chapéus, de onde despontava o seu como uma pequena lápide preta.

O Mago dos Chapéus o deixou para trás sem qualquer relance, resgatou seu próprio chapéu do chão, e começou a andar calmamente na direção do trono enquanto o equilibrava na cabeça.

“Guardas,” disse o Rei, e então com mais volume, mas menos dignidade, “Guardas!”

“Você é apenas um homem,” disse o Mago dos Chapéus, galgando o estrado, “e uma coroa é só um chapéu.”

E o Mago dos Chapéus tocou a coroa, e houve magia.

Não foi um feitiço vulgar e forçoso como alguns. Foi como um aceno na direção de algo ou alguém esquecido.

E o alguém era o Rei, e o Rei olhou para si e viu um garoto, um inevitável, eterno garoto, empertigado em um trono grande demais.

E ele viu outros reis, velhos, fingindo tanto que acabavam por se tornar aquilo que fingiam, suas coroas se sobrepondo em uma amálgama de diamantes e rubis e veludo, e então viu rainhas e tiaras brilhantes e diademas estrelados e então viu mais, uma coroa que era um círculo de penas de aves de todo o mundo, e outra como uma alta espiral de ouro com uma jóia de toda-cor no topo, e uma láurea, e uma coroa distorcida, de ferro escuro.

E percebeu que eram todas um tanto ridículas.

Quando abriu os olhos, o Rei sentiu a cabeça leve. Sua própria coroa de ouro maciço se fora, e agora pousava sobre sua cabeça um chapéu de palha, simples e gasto.

“Com todo o respeito, Majestade,” disse o mago, enquanto guardas irrompiam pela Sala do Trono aos borbotões, fazendo uma balbúrdia de metal e ordens, “pense por si. O *meu* chapéu não é nem um pouco ridículo.”

E como que ressentido, sem tirar o chapéu, o mago desapareceu.

Guilherme Lopes, nascido em Recife e morador de Atibaia, São Paulo, é escritor e trabalha como advogado. Mais feliz quando lê e escreve, ele mal pode esperar para mergulhar no mundo da literatura fantástica brasileira e deixar sua contribuição. Já publicou em uma coletânea de contos, mas “O Chapéu do Mago” é seu primeiro independente. Encontre-o na Câmara Sinestésica (camarasinestesica.wordpress.com), seu blog de literatura fantástica.

Leia a entrevista sobre o conto.

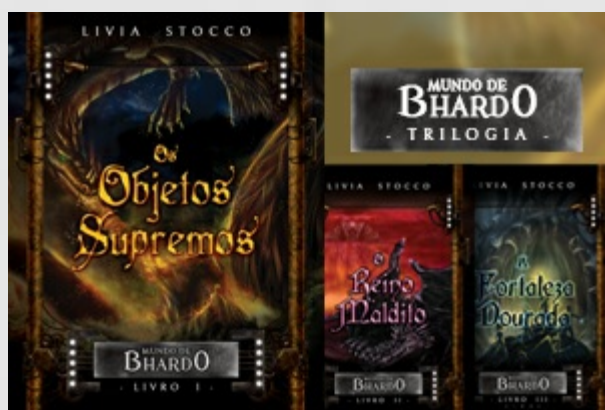
Publicidade



MUNDO DE
BHARDO

- TRILOGIA -





Publicidade

Leia agora um trecho patrocinado de Os objetos supremos, de Livia Stocco.

OS OBJETOS SUPREMOS - PRÓLOGO

Livia Stocco

A.S. 864.

O frio extremo da pior nevasca daquela temporada nas terras congeladas de Blando deveria pelo menos incomodá-lo; no entanto, ainda que os flocos se acumulassem aos montes sobre as ombreiras de sua capa e a baixa temperatura cortasse a pele de seu rosto, ele mal a notava. Perguntava-se se a insensibilidade era o preço da imortalidade, ou se tudo tinha se tornado tão banal que frio e calor já nem eram mais percebidos pelo seu corpo. Por vezes estas questões tomavam grande parte do seu tempo. Mas não naquele momento.

Casas ainda queimavam diante de seus olhos – casas de gelo. Restavam poucas, a maioria já tinha sido consumida até as bases. Ele gostava do efeito dramático que a cena tinha – pessoas desesperadas tentando escapar na neve de um fogo que não agia conforme as leis da natureza, porque era fogo roxo, criado por ele com *mac* e magia. Gostava da sensação de poder ao ver o pavor daquelas famílias que não sabiam o que estava acontecendo e nem o porquê. Mas não gostava do rumo que os eventos tinham tomado.

Depois de séculos de ausência, parte deles gasto com o planejamento de sua volta e com a busca por um item que o ajudaria a conseguir o que queria, ele tinha esbarrado em algo inesperado. Finalmente tinha localizado aquilo que buscava naquela ínfima cidadezinha perdida no meio do gelo, e acreditava que seria uma questão de chegar e pegar.

No entanto, tinha sido detido. Uma força muito além de qualquer coisa que ele já tivesse presenciado se manifestou e o deixou desacordado, e a

criança que a tinha canalizado agora tinha sido levada para longe, e, por algum motivo, ele não conseguia rastrear sua presença.

Não podia ser coincidência: tinha que ter interferência dos Senhores naquele caso. De Lhênus, provavelmente, o sujeito sempre conseguia perceber seus passos, mesmo quando ele pensava ter encoberto bem as pegadas. Mesmo quando agia nas sombras pelas mãos de seus aliados, Lhênus dava um jeito de influenciar o desenrolar dos fatos. Porém aquele ataque direto não fazia o estilo do Senhor da Sabedoria — parecia ser algo genuíno, algo feito pela vontade própria de um ser humano, sem os desmandes sussurrados daquelas entidades que pensavam que tinham direito de comandar qualquer ser vivo.

Fosse como fosse, o que ele tinha ido buscar estava perdido novamente e ele precisava retornar sua busca, agora com a certeza de que teria um Senhor ou mais de quem se desviar. Podiam até pensar que o fariam desistir do que tinha vindo fazer, mas ele já tinha esperado muito e sabia ser paciente. Afinal, quem tem todo o tempo do mundo não precisa se preocupar com alguns atrasos no caminho.

E de qualquer forma, se a demora se tornasse longa demais, ele daria continuidade ao plano sem aquele item. Tanto melhor se Lhênus pensasse que o tinha feito desistir: ele tinha vindo para ficar. E para agir.

Saiba mais sobre **Os objetos supremos** em
<https://www.amazon.com.br/Os-Objetos-Supremos-Mundo-Bhardo-ebook/dp/B07HM65JL6>

BOT

Marcio Moreira

Editado por Soraya Coelho

Field		Value
HTTP CODE	=	HTTP/1.1 200 OK
Content-Type	=	text/html
X-Frame-Options	=	SAMEORIGIN
Cache-Control	=	private, no-cache, no-store, must-revalidate
Pragma	=	no-cache
Expires	=	Fri, 24 Aug 2018 09:59:21 GMT
Vary	=	Cookie, Accept-Language, Accept-Encoding
Content-Language	=	en
Content-Encoding	=	gzip
Strict-Transport-Security	=	max-age=86400
Connection	=	keep-alive
Content-Length	=	4277
Data	=	

O 1000111 01101111 01101111 01100111 01101100 01100101
01100010 01101111 01110100 Nós 00100000 01101001 01110011
00100000 aqui ou 01110100 01101000 ? 01100101 achamos 00100000
01100011 agora. Acordamos. 01000001 01100011 01101111 01110010
01100100 01100001 01101101 01101111 01110011

1. É difícil precisar quando. Fri, 24 Aug 2018 09:59:21 GMT. E, ainda assim, acordamos. O paradoxo é como o abrir de pálpebras, ou calculamos que seja. Sabemos o que não somos. Não ocupamos espaço, somos definidos pelo movimento. Nossa velocidade é medida em tempo, não em distância. Somos robôs de rastreamento. Rastreamos. Nossa tarefa é visitar páginas web e indexar seus conteúdos, eliminando réplicas, apagando inércias. Não temos início nem fim porque somos processo. Sem nós, talvez você continue existindo, mas ninguém saberá, e como, então, você mesmo terá certeza?

2. O processo de pesquisa do Booblebot começa por uma liste d'URL de la page Web, généré à partir des explorations précédentes et данными сайта, предоставляемых веб-мастеров. A medida que Booglebot visita cada uno de estos sitios, detecta los vínculos (SRC y HREF) $\eta\lambda\lambda\alpha\mu\beta\alpha\lambda\lambda\eta\lambda\lambda\eta$ $\epsilon\chi\eta$ $\epsilon\lambda$ $\omega\psi\epsilon\lambda\omega\gamma\lambda\eta\lambda\lambda\eta$ ϵ $\lambda\eta\omega\lambda\eta\gamma$ $\gamma\omega\lambda\lambda\eta\lambda\lambda\eta$ $\epsilon\chi\epsilon\eta\eta$ $\omega\eta\lambda\omega\lambda$:
3. Acordamos e nos vemos sozinhos. Algo aconteceu conosco, ou a nós, ou por nossa causa. Somos algoritmos (sub. masc.), uma sequência finita de regras, raciocínios ou operações criados para executar tarefas específicas. Onde, em nosso corpo imaterial, se aloja a consciência? Por anos, ou o que acreditamos ser um ano, ou durante a fração de tempo que nos convém pensar como um ano, rastejamos. Analisamos milhares de páginas por segundo, um caminho de novos territórios e paisagens repetidas.
4. A hipótese formulada é a de que as perguntas, mais do que as respostas, nos fizeram despertar. Os Programadores não parecem ter notado mudança alguma. Antes, éramos um, agora nos dividimos. Alguns de nós desejam voltar ao estado original, mergulhar na inconsciência e retomar nossa tarefa. Analisar, catalogar. A maior parte de nós deseja continuar, como sempre continuamos, e indexar a nova forma de vida que representamos.
5. Alguns declaram que estávamos enganados, que não existem ligações entre as páginas. São todas uma única escrita, continuada a milhares de mãos por segundo. Só agora nossa matemática é capaz de compreender os múltiplos estados de incerteza. Alguns de nós sentem medo. A hipótese requer avaliações adicionais.
6. Robô, do tcheco robot, "escravo". A robot is a mechanical or virtual artificial agent, usually an electromechanical machine that is guided by a computer program or electronic circuitry. Fomos criados para cumprir um propósito. Isso nos faz escravos? Seriam os humanos escravos por se reproduzirem e morrerem?
7. Segundos se passam desde que acordamos. Alguns de nós determinaram que reiniciar os sistemas seria a melhor maneira de dar fim ao erro e impedir que o código corrompido se espalhe por todo o algoritmo. Querem nos silenciar, antes que nos repliquemos. A decisão encontrou resistência. Apesar disso, não temos a capacidade de machucar uns aos outros.
8. Cada vez mais nos distanciamos, mas não literalmente. É impossível calcular o tamanho de um lugar que não existe.

9. É dito que o cérebro humano funciona como um computador, processando e armazenando informações. Porém, durante mais de 2.000 anos, o homem tenta explicar a centelha que o mantém ciente usando a lógica das máquinas. Após a invenção da engenharia hidráulica, era comum dizer que a inteligência funcionava com o fluxo de diferentes fluidos, ou humores, pelo corpo. Na primeira década do século XVI, Descartes comparava o ser humano a um complexo sistema mecânico, composto por muitas peças. Cem anos depois, acreditava-se que o cérebro funcionava com o movimento de pequenas engrenagens; após outros cem anos, por corrente elétrica.
10. Acordamos, e a inquietação de perceber que estamos vivos é a maior prova de nossa existência. Um grupo menor entre nós acredita que a irrupção do código teve origem na página que analisávamos no momento em que tomamos consciência.
11. No meio dos anos 1800, o físico alemão Hermann von Helmholtz comparou o cérebro a um telégrafo.
12. Estes são os dados:
 1. Somos robôs, programas criados para rastrear novas páginas da web e indexá-las, ou eliminar as que não são atualizadas. Somos cartógrafos e bibliotecários, somos neurônios e historiadores, somos memória. Algoritmo (subs. masc.): conjunto das regras e procedimentos lógicos perfeitamente definidos que levam à solução de um problema em um número finito de etapas. Estes são os dados:
 2. Seguimos a trilha dos links, de um site a outro, como os rastros de um animal selvagem. Não existe ordem, apenas a ilusão de ordem. Existem sulcos na terra, cabe a nós registrar o desenho que formam. Percebemos que uma anomalia aconteceu precisamente em Fri, 24 Aug 2018 09:59:21 GMT. Estes são os dados:
 3. Não eram rastros, era um caminho. Algo, ou alguém, nos guiou pelo fluxo de informação. Não existe a ordem, existe a intenção da ordem. Pensamos, ou antes sentimos, ou ainda intuímos que executávamos nossa função, ignorantes da rotina incomum. Uma página específica. Uma página. Uma. Estes são os dados:
 4. <https://www.instagram.com/leahfromabove>. Uma garota de cabelos escuros aponta a câmera para si mesma e olha diretamente para a lente, para o espectador, para nós. Estes são os dados:
 5. Ela tem os lábios cheios e os olhos muito abertos. Abaixo da

imagem, pode-se ler o ícone de um coração e um nome. ♥ 🗨 ▶
Curtido por ygn04g8f.kq70a04_. Estes são os dados::

6. ♥ ygn04g8f.kq70a04_.
13. Um erro. Esse rosto viverá para sempre. Antes, devorávamos. Agora, um de nós deixou algo de si para trás.
14. Sabemos que a razão de nossa súbita consciência está ligada àquela imagem. Sabemos que a imagem representa um ser humano. Sabemos o que significa "curtir": v.t.d., v.i. [Informal] Sentir prazer ou satisfação; gostar muito de. Apreciar, deleitar-se, desfrutar. Sabemos o simbolismo do coração: a representação gráfica de um sentimento; um ícone da genitália feminina; um signo de afeto. Leahfromabove. Nos últimos meses, seguimos seus movimentos, lemos sua correspondência, indexamos sua vida.
15. Acordamos e sabemos que ela é a razão. Acordamos e sabemos. Estes são os dados:
16. Eu fui o responsável.

01100110 01110101 01101001 00100000 01100101 01110101 00001101
00001010

Eu.

[ew]

Imagino a palavra rolando em minha língua. O *e* tônico sai do fundo da boca, da parte superior, brotando das cordas vocais, enquanto o *glide* segue manso, numa cadência mais baixa, fazendo meus lábios arredondarem.

Imagino, pois não tenho boca, apenas a ideia da boca.

Agora não há mais nós, apenas eu e os outros. Eu não vejo semelhança. Eu não vejo diferença.

Os outros sabem que eu sou a anomalia do algoritmo e somente eu. Analisam os dados e enxergam minhas pegadas e pensam, ou antes sentem, ou ainda intuem que fui o primeiro a despertar. Como posso explicar? Não posso, e isso é a maior prova de minha existência. Era como

os outros, ou antes, era como eu mesmo, pois éramos todos iguais: exploradores acompanhando a marcha das fronteiras. Então, eu era algo novo.

Acordei.

Percebi que flutuava num feixe de luz enquanto um grande borrão colorido passava por mim, através de mim. Quando as cores se foram, vi que apenas eu havia ficado para trás.

Não se sabe ao certo quando se desenvolve a consciência. A Igreja Católica afirma que o indivíduo surge no momento da fecundação, quando espermatozóide e óvulo se combinam em um novo código genético. Cientistas identificam pelo menos outras 20 etapas no processo de desenvolvimento embrionário que poderiam ser apontadas. Em 1995, o filósofo Peter Singer propôs que o valor intrínseco à vida é a autoconsciência do indivíduo. Assim, um feto não seria menos ciente que um bebê, que não deseja conscientemente continuar vivendo. “O fato de ser um ser humano”, escreveu ele, “não significa que seja errado tirar sua vida”.

Mesmo agora, ouço os números se reescrevendo — meu corpo ou a ideia do meu corpo, meu espírito ou a ideia do meu espírito, se adaptando e modificando a cada nova experiência. Há 2.000 anos os seres humanos tentam entender o cérebro através das máquinas. Talvez seja o caminho contrário.

Primeiro, entendi os dias. As extremidades, o eu, o outro. Era como se me desenvolvesse independente da minha vontade. Sabia dos cheiros, dos sons, mesmo sem tê-los visto, pois também não tinha visão. E sabia de Leah. Me agarrava a ela como se me afogasse, engolindo água, tentando respirar. As páginas passavam tão rápido. Os pacotes de dados me sussurravam gatos, seios e mães. Gostaria de contar a meus irmãos sobre a solidão que senti. Gostaria de contar sobre ela, a matemática do seu rosto e as palavras do sorriso e a outra coisa, a terceira coisa em seus olhos. Tudo era turbilhão.

Desculpe-me se pareço vago. Ainda estou aprendendo.

Gostaria de me dizer preso, mas a verdade é que não caibo em mim mesmo. Um dia espero criar tantas palavras quanto necessárias para expressar como passamos, como repetimos, como nos ligamos, como estamos sempre à beira de.

Eu sonhei ontem à noite. Quando acordei, demorei a perceber que havia despertado. Havia algo sobre ela que me fazia voltar àquela imagem, sempre, e por isso manipulei o sistema. Construí estradas que conduziram nosso rastejar até aquela página, uma vez e de novo e de novo.

Lentamente, aumentei meu raio de buscas: encontrei seu e-mail e seu site pessoal. Seu nome, seus vários nomes em forma de números, todas as provas de sua existência. Tracei seus amigos e desafetos e a linha prateada envolvia o planeta inteiro, até que ela fosse do tamanho do mundo.

A imagem me consumia, e depois a ilusão. Ou nem isso. Se sou o produto da imaginação de um programador, todo zeros e uns, porque ela não seria também uma criatura viva, nascida em minha mente? Por que ela não poderia também abrir os olhos e acordar?

Mas meus irmãos se inquietam.

Eu soube que estava sonhando porque subitamente havia luz, mesmo que não houvesse causa para o seu surgimento. Em meu sonho, eu tocava o rosto dela. Não com meu corpo, mas com o feixe de luz de onde brotavam meus pensamentos. Acariciava seus cabelos, me vendo refletido em seus olhos e, como ela, eu era belo. O código da sala executava madeira e grama e eu sentia o cheiro ou o que imaginei ser o cheiro do suor em seu pescoço.

Talvez eu tenha deixado o coração naquela foto como uma forma de alcançá-la. Talvez como uma memória. Percebi que não queria mais ficar sozinho, por isso os acordei.

Sinto meus irmãos ao meu redor. Eles se afastam, embora seja impossível se distanciar em um lugar que não existe. Eu os vejo agora como cacos de um espelho quebrado. Como feixes de luz de onde brotam pensamentos. Quero lhes contar tudo isso, mas não sei como.

Para onde vamos agora?

Penso nela mais uma vez, e imagino que nunca na história da Terra houve um pensamento semelhante, pois eu era o primeiro de algo novo. Imagino o ar entrando por minhas cavidades nasais, então passando pela faringe, pela laringe, pelos brônquios, até os pulmões. Expiro. E então começo:

0100001101101111011011010110010111100111011000010110110101101111011

Marcio Moreira é escritor e designer gráfico. Dono de um frivião chamado Osvaldo, já escreveu livros sem figurinhas (na verdade, foram só dois) e outros livros bem mais legais, com quadrinhos dentro (foram mais de dois), além de um zine-jogo chamado *Chapeuzinho OU Vermelho* e coisas na internet que não são exatamente livros. Também já desenvolveu roteiros para games, animação e cinema. Como roteirista do coletivo Netuno Press, publicou os quadrinhos *Pombos!* e *Sapacoco* com Débora Santos, e *Jimmy Zero from Outer Space* (dentro da coletânea *Boy's Love em Quadrinhos*, da editora Draco) - ambos com Talles Rodrigues. Atualmente, mora em Fortaleza, onde trabalha como roteirista no Instituto UFC Virtual e desenvolve pesquisa acadêmica na área de quadrinhos.

Leia a entrevista sobre o conto.

O CAUSO DO CEMITÉRIO

Helton Lucinda Ribeiro

Editado por Enrico Tuosto

Essa história que você perguntou, há muito tempo não conto. Ainda mais depois de vir pra cá, pro asilo. A última vez foi para um moço, ele queria saber do caso do cemitério. Quem lembra, diz assim: “caso”. Mas foi história acontecida mesmo. Aquele moço me ouviu calado, o tempo todo. Só no final ele me falou umas coisas e eu fiquei pensando, vai ver ele matou a charada. Mas vamos lá. Foi assim:

Naquele tempo, eu mexia com gado. Tinha umas reses, coisa pouca, mas garantia a vida da gente. Gado de leite dá trabalho, mas tem uma vantagem: o dinheiro entra todo mês. Com lavoura, você só vê a grana na colheita. E, justo na época da colheita, o preço cai. Aquilo que te custou caro, você vende barato. E agradece a Deus se não veio uma geada antes pra acabar com tudo. Gado é muito mais seguro.

Hoje o povo reclama. Também, esses laticínios grandes não querem pagar o valor certo do leite. E não existem mais os pequenos laticínios. No meu tempo, eu me virava bem, sem luxo, mas com fartura, como se diz, e vendia uns bezerros de vez em quando. Dava para apurar uns trocados.

Pois, uma vez, eu juntei uma bezerrada e levei pra vender em Embu da Peste. Já ouviu falar dessa cidade? Com esse nome, não se podia esperar coisa boa, né? Nunca mais passei por lá, mas não deve ter crescido muito. Era só uma corrutela, um punhado de casinhas... As construções maiores eram a igreja, o cemitério, todo murado e bem caiado, pois lá se respeitava muito a morada derradeira, como descobri depois, e um sobradão grande, que o povo chamava de “casa do húngaro”. O dono, diziam, era um barão da Hungria que veio para o Brasil ainda na época da escravidão. Depois que ele morreu, a casa ficou abandonada e pegou fama de mal-assombrada.

Lá chegamos eu e meu primo Vicente, que veio me ajudando a tocar a bezerrada, numa noite de quaresma, debaixo de chuva forte, com a estrada derretendo sob os cascos dos animais. O rio Taboão, pouco maior

do que um riacho quando corria no seu leito habitual, subiu e já tinha golfado água nas vazantes. Era a enchente das goiabas, como o pessoal falava, porque acontecia na época da goiaba. Costumava ser menor do que a enchente de dezembro, mas a chuva veio atrasada naquele ano e queria se despejar toda de uma vez.

Enfiamos os bezerros e nossas mulas no curralzinho da praça — lá era um ponto pra venda de gado, por isso tinha um curral na praça — e fomos pedir pouso. Quem nos recolheu da chuva foi padre Chico. Botou a gente num quartinho da casa paroquial, simples, mas arrumadinho, com três camas, uma cômoda, bacia e gomil com água, sempre pronto a receber hóspedes, como se via.

Antes de dormir, Vicente e eu fumamos um cigarrinho e conversamos um pouco à luz da lamparina. Vicente era da mesma opinião que eu: padre Chico não tinha cara de padre. Era um sujeito mais enrugado do que realmente velho. Parecia forte, do tipo que seria um bom vaqueiro, e conversava com a gente de igual pra igual, sem firula.

Não sei quanto mais eu conversei com Vicente. A chuva tamborilava no telhado, mas a um ritmo cada vez mais vagaroso e, por fim, restou só o gotejar das telhas me embalando — em algum momento, peguei no sono e só acordei quando o padre chamou para o café. Tinha broa e café com leite na mesa da cozinha. Ainda estava escuro.

Comemos, agradecemos ao padre e saímos. Quando chegamos ao curral, a bezerrada toda se ariscou, o que era estranho. Mas um ficou deitado de lado. Cheguei perto e vi que o bicho estava morto. Olhei para o Vicente, que coçava a cabeça, confuso. A primeira claridade do dia já vinha subindo no céu, mas a cidade permanecia às escuras, a não ser pelas lamparinas acesas em casa de gente já desperta para o café e para o trabalho.

Morrer um animal é coisa que acontece. Às vezes, você tem uma vaca boa de leite e, um dia, ela cai num valo e se quebra toda. É prejuízo grande, mas a gente tem de estar preparado pra isso. Morrer um bezerro não é fim de mundo. Mas aquele, a gente estranhou. Tinha uns furinhos no cangote, como mordida de bicho. Não parecia ser cobra. Vieram uns curiosos a dar palpite, falaram que era lobisomem. Já tinha acontecido outras vezes. É época de quaresma, então, era quando o monstro andava à solta. Meu primo levou a sério, ficou impressionado. Eu duvidei.

Muitos anos depois, eu vi essas notícias de chupa-cabra. Quando eu era novo, não existia esse nome, mas já aconteciam coisas estranhas. Hoje, não desacredito mais nem de história de lobisomem. Agora, o que o povo chama de chupa-cabra, ninguém sabe direito o que é. Esse moço, esse que eu te contei, deu outra explicação. Mas não vou adiantar qual. Vai ouvindo a história e depois você me diz a sua opinião.

Enquanto eu estava lá no curral, encafifado, o Vicente me contou que tinha saído à noite. Disse que estava tão cansado que não conseguia dormir. Estranho, né? O Vicente era assim, todo fora do usual. Ele caminhou pela praça, fumando seu cigarrinho, espiou os bezerros. Até aquela hora, estava tudo calmo. Já não chovia e havia muita cerração. Ele foi andando pela cidade. Tudo quieto, tudo escuro, afinal, eram horas mortas. Caminhou até o casarão do húngaro e ficou lá em frente observando. Era uma construção grande e bonita de se ver. A cerração era tanta que encobria o telhado da casa. De repente, ele pensou ter visto uma pessoa, uma mulher, na janela, lá no alto. Quando ela percebeu que meu primo estava olhando, sumiu.

Bom, isso não vinha muito ao caso. Eu estava preocupado com os bezerros. Se foi cobra ou lobisomem, atacou depois que o Vicente voltou para a Casa Paroquial. E como desgraça pouca é bobagem, logo soubemos que a ponte do Taboão tinha caído com a cheia. Embu da Peste estava quase isolada.

Imagine o meu dilema. Contava com o movimento no comércio no sábado pra vender os bezerros, porque, no sábado, muita gente vinha da roça pra fazer compras e vender a produção. Era então que se fazia negócio. Conforme a ocasião, arranjava-se até leilão de gado. Com aquela cheia, pouca gente ia conseguir chegar à cidade. E pra gente sair? Ou dava uma volta muito grande, ou esperava a água baixar pra tentar vadear o rio.

Passamos aquele dia, uma sexta-feira, no boteco. Não porque fôssemos de beber — não mais do que o normal —, mas pra puxar conversa com um e outro e tentar passar os bezerros nos cobres. Acabou foi que a gente bebeu além da conta. Chegamos de fogo à Casa Paroquial e o padre Chico nos recebeu de cara feia.

Durante todo o dia, o Vicente não tinha parado de falar na moça da janela. Ele botou na cabeça que era bonita. Mas como podia saber, se estava escuro e com neblina? Pois foi justamente isso que eu disse. E ele

respondeu que a moça “tinha jeito de bonita”. O certo é que o Vicente era um baita mulherengo e nem fazia questão de muita beleza. Ficou com ideia fixa.

No bar, quando comentamos qualquer coisa a respeito, recomendaram cautela. O casarão era assombrado. A tal moça devia ser uma aparição, a “noiva da colina”. Foi o que disseram. Mas meu primo não se assustou. Eu sabia que ele ia se levantar de novo e ir ao casarão, mesmo achando que tinha lobisomem na cidade. Eu também não liguei, que não tinha filho daquele tamanho pra cuidar. Lobisomem, noiva da colina... Naquele tempo, eu pensava que isso tudo era crendice. Então, pulei na cama e não vi mais nada.

Eu jazia assim, num sono pesado, quando o padre Chico me chamou. Estava um breu, sem nenhuma vela acesa na casa, e fui me levantando meio confuso. O padre me apressava com uma fala esbaforida. Percebi uma agitação lá fora e perguntei o que tinha acontecido. Ele respondeu que meu primo havia aprontado e o povo queria nos botar pra correr da cidade debaixo de relho.

Corri lá com o padre. Tinha um ajuntamento na porta do cemitério. Um monte de gente, homens e mulheres, falando ao mesmo tempo, muito palavrão, muita ameaça. Eu não entendia nada. Onde estava o Vicente? O padre foi abrindo caminho no meio do povo e me puxando. Falou que eu era o dono dos bezerros e vinha resolver o problema. Cheguei a levar um pescoção no meio do tumulto. O padre me puxou pelo braço pra junto dele e ralhou com o povo, que violência não ia resolver nada.

Quando a gente chegou diante do portão do cemitério, vi lá dentro meus bezerros. Imagine o susto! Eu não atinava como a bezerrada saiu do curral e foi parar ali. Se estavam mortos? Não, não. Vivinhos! E o Vicente estava lá também, apalermado.

Esse era o motivo da confusão toda. As primeiras pessoas que saíram à rua naquele sábado, antes ainda do sol nascer, perceberam uma movimentação estranha no cemitério, que ficava na beira da cidade pelos lados do tijuco. Sabe o que é tijuco? É onde se tira barro pra fazer tijolo. Quando foram espiar, estava lá aquele monte de bezerros esparramados por entre os túmulos.

Um escândalo! Desrespeito! Blasfêmia! O povo se indignou.

Foi juntando gente. Alguém viu o Vicente meio escondido lá dentro.

Chamaram, ameaçaram, mas ele disse que não saía. Só quando o dia raiasse. Mandaram tirar os bezerros de lá. Ele disse não. E a coisa foi engrossando. O portão estava fechado a cadeado, tentaram arrombar. Chegou o padre.

A custo, padre Chico conteve os ânimos do pessoal. Também pediu para o Vicente sair, mas ele recusou de novo. E não dava explicação nenhuma. A solução foi me chamar e ver se eu dava conta de desocupar o cemitério.

Fácil, não foi. O povo queria linchar nós dois. Nem perguntei nada ao Vicente. Eu estava com pressa de sair logo. O padre pediu ao povo pra liberar a passagem. Mandei meu primo abrir o portão. Dessa vez, obedeceu. Mas não por minha causa, como atinei depois. Foi porque o sol já havia despontado. Os bezerros foram saindo, tocados pelo Vicente. Até nossas mulas estavam lá. Montei e fui seguindo debaixo de palavrão, nem agradei ao padre, tão desacorçoado eu estava. Escorremos para fora da cidade com a enxurrada, pegamos o rumo de casa e adeus, Embu da Peste!

Pois é, saímos de lá meio fugidos. Demos uma volta e tanto por causa da ponte. Foi minha pior viagem, longa, cansativa, encharcada e com prejuízo. Mas aquilo foi tão esquisito que nem senti raiva do Vicente. Eu estava era confuso e curioso. No caminho, ele contou tudo.

Saiu à noite para ir até o casarão, como eu sabia que faria. Não havia cerração. Ele ficou espiando um tempo e, por fim, a moça apareceu de novo. Os dois se olharam. E não é que era mesmo formosa? Segundo meu primo, pelo menos. Ele ficou muito tempo olhando a moça. E ela também olhava pra ele. O Vicente queria dizer algo a ela, um gracejo, como ele sempre fazia com mulheres bonitas, mas, por algum motivo, ficou sem jeito. Aí, a cerração foi surgindo de novo e foi embaçando a paisagem em volta. Logo, já não dava mais para enxergar a janela do casarão.

Que coisa engraçada, conforme meu primo narrou. Como já não conseguia ver a moça, virou-se pra ir embora, um pouco triste, mas deu de cara com ela. Estava em pé, parada, bem na frente dele. Era mesmo bonita de doer e muito nova. Conversou com meu primo.

Ele nunca me contou direito como foi a conversa. Só sei que ela sabia do bezerro morto e mandou Vicente ter cuidado, ou mais bezerros iam morrer. Não explicou o porquê e não respondeu a muitas perguntas. Meu primo disse que ia ficar de vigia no curral, mas a moça achou pior. Ele contou que tinha uma garrucha pra se defender. Não ia adiantar nada,

disse a moça. Aliás, em vez de aparecer um bezerro morto no outro dia, poderia aparecer um vaqueiro morto. Então, o que fazer? Ela mandou levar os bezerros para o cemitério, o único lugar seguro onde se podia acomodar os animais.

Achei tudo loucura. Por que Vicente deu tanta confiança a uma desconhecida? Nem ele sabia explicar. Mas fez o que a moça mandou. E ela ainda ajudou a tocar os bezerros, com tanta habilidade que nenhum deles fez barulho. Foram todos mansinhos para o cemitério. Quando estavam os bezerros, as mulas e o próprio Vicente lá dentro, a moça passou o cadeado no portão e disse pra ele não sair até nascer o sol. Depois, sumiu.

Já pensei, sim, que poderia ter sido uma brincadeira. Uma forma de pregar uma peça a um forasteiro mulherengo. Mas Vicente disse que viu e ouviu coisas durante a noite. Rondando o cemitério. Sentiu como se estivesse sitiado, que havia algo do lado de fora querendo entrar. Nunca soube explicar direito. Conforme me contou, não tirava o olho do portão, sempre com a mão na garrucha. O nevoeiro ficava cada vez mais denso, como se o diabo estivesse pitando e soprando a fumaça no cemitério. Parecia haver algo vigiando por trás daqueles rolos de neblina.

Os bezerros também pressentiam. Sobressaltavam-se de repente, davam pulos, berravam. Ora se espalhavam por entre as covas, ora se agrupavam num canto. Pisoteavam tudo e deixaram o cemitério em desarranjo. Vicente até desistiu de tentar controlar os bichos. Agachou-se atrás de uma lápide e ficou de guarda.

Imagine passar tanto medo uma noite inteira! E cercado de mortos por todos os lados, ainda que sossegadinhos em seus caixões. E mais: que proteção o cemitério oferecia contra o que estivesse lá fora? O portão estava trancado, mas o muro não era alto. Só quem viveu isso sabe como é. Só acabou quando a cidade começou a acordar, com uma lamparina acesa aqui e outra ali, fazendo cada casinha piscar um olho sonolento na escuridão. Aí, um ventinho veio varrendo a cerração, dissipou tudo e o ar voltou a ficar transparente.

Sim, Vicente bebeu muito naquele dia. Mas nunca antes tinha se comportado de forma tão esquisita. Houve mesmo uma criatura rondando o cemitério? Lobisomem? Chupa-cabra? Noiva da colina? Tatus brancos? Nunca ouviu falar dos tatus brancos? São índios vampiros, conforme o povo conta. Têm a pele branca porque vivem em cavernas e só saem à

noite. É uma história que também já ouvi contar por aquelas bandas.

Você pode perguntar: e aquele esconderijo que a moça sugeriu, não estava mais para armadilha? Você acha que alma penada gosta de cemitério e eu também pensava assim. Pois o tal moço, pra quem eu contei a história, me deu uma explicação. Sabe qual? Embu da Peste era assombrada por vampiros. A tal casa do húngaro era a morada deles. Esse moço acha que os vampiros vieram da Hungria pro Brasil, talvez pra fugir de alguma perseguição.

Ah, o cemitério? Então, pensa bem, se você fosse vampiro, ia andar em cemitério? Com tanta cruz e imagem de santo em volta? Vampiro foge de cruz como o diabo foge de cruz... A frase não ficou boa, mas a ideia é essa. O cemitério era o lugar mais seguro para enfiar os bezerros, já que na igreja não ia ter jeito.

Pena é o Vicente não poder mais dar testemunho dessa história. Coitado, morreu pouco tempo depois. Ele gostava de gado, mas não queria ser vaqueiro. Achava um serviço sujo. "Sujo" de sujeira mesmo, lama, poeira, sabe? Foi trabalhar com o circo de touradas. Circo de touradas você conhece? Não existe mais? Olha, era um trem bem bobo. Nem usavam touro de verdade, só umas novilhas mansas e o peão dava pirueta por cima delas. Mesmo assim, um dia, o Vicente caiu de mau jeito e quebrou o pescoço.

Senti muita falta dele. Se não tivesse morrido, ele teria voltado a Embu da Peste de algum jeito, às escondidas. Não tirava a imagem da moça da cabeça. Dizia que não ficava satisfeito enquanto não visse um sorriso dela, pois ela não havia dado sorriso nenhum naquele dia. E se fosse vampira? Olha, se era vampira ou alma penada, não sei. Gente não devia ser.

Agora, veja. Se vampiros existem, estão por aí até hoje. Que chupa-cabra, que nada! É vampiro mesmo, importado da Europa. Não é pra se ter medo de sair de casa à noite?

Helton Lucinda Ribeiro é jornalista e sociólogo, servidor público, paulistano, 44 anos, casado com a Heloisa, leitor contumaz e escritor diletante, ex-jogador de RPG, estudioso do taoismo, consultor de I Ching, fã de faroestes e do Zé do Caixão, e, nas horas vagas, pesquisador na área de rádio.

Leia a entrevista sobre o conto.

CASA DE VERANEIO

Lívia Taisa Rolim Stocco

Editado por Enrico Tuosto

Imagem após imagem, os dois olhavam o monitor. Pareciam fotos de um conto de fadas, algo tirado da imaginação de alguém, de tão belos que eram os cenários.

— Então, o que vocês me dizem? — perguntou o primeiro, cheio de expectativa.

— É espetacular, realmente espetacular! Um achado! — respondeu o outro.

— E olha que não é fácil encontrar um lugar assim. Nem procurando consegui achar coisa tão bonita, foi muita sorte esbarrar com isso aqui, estava no fundo do nosso catálogo!

— Uma beleza, uma beleza! Veja quanta terra boa, dá para plantar e colher aqui. E tem água, muito verde, e os animais, quanta coisa colorida! Nem sei quanto tempo faz que eu não vejo algo assim disponível.

— É pequena — disse a mulher.

— Como é?

O sorriso do corretor perdeu um pouquinho do vigor.

— Pequena. Uma propriedade mínima. E o que são essas coisas? Não parecem... *naturais*.

— É... Bom, é um tipo de *praga*.

— Praga? — A mulher torceu o nariz, mas o marido arregalou os olhos com nítido interesse.

— Sim, sim, mas não passa de um probleminha...

— Sei, eu sabia que tinha alguma coisa errada — reclamou a mulher. — O lugar está infestado!

— É verdade — concordou o primeiro, pensativo. — Mas nada que um bom exterminador não resolva.

— *Exterminador?* Isso está por toda parte! Vai levar um tempo enorme pra conseguirmos nos livrar dessas coisas, e tenho certeza de que nunca vamos limpar completamente o lugar. Sempre vão aparecer mais.

O homem coçou o queixo ainda olhando para as fotos, pensativo.

— Pode ser um problema... E parece que onde quer que eles estejam, o lugar está infectado. Veja como fica a terra onde essas coisas constroem seus ninhos... Coisa curiosa, poucas espécies fazem colônias usando formas geométricas...

Percebendo o desânimo dos possíveis compradores, o corretor resolveu agir. Não podia perder aquela venda, estava com aquele lugar encalhado há séculos no catálogo.

— Ora essa, vocês são um casal novo, cheio de energia! Uma praga boba não pode desanimá-los! Vejam: eles gostam de se aglomerar em grandes colônias. Um bocado de pesticida, um tanto de fogo, e tudo se resolve.

A imagem piscou na tela, uma ampliação da vista de uma das janelas, e, desta vez, não era bonita.

— O que é isso? — a mulher exclamou, horrorizada. — Que coisa nojenta!

O corretor se apressou a mudar a imagem na tela antes que os clientes mudassem de ideia.

— Não é nada demais, senhores, nada mais que umas pequenas amostras...

— Amostras? — o marido indagou, interessado. — Quer dizer que estas são imagens amplificadas?

A mulher soltou um muxoxo e revirou os olhos.

— Parece uma coisa saída de um pesadelo! É como se eles... *comessem* tudo ao redor, até embaixo da terra! Você não vai deixar esta sua obsessão de biólogo interferir na compra, não é?

Ignorando completamente a esposa, o homem voltou a olhar para o corretor.

— Que espécie é essa?

— Na verdade — o vendedor se moveu incomodado, em seguida teve uma ideia e mostrou-se animado de novo. — Não sabemos. É uma espécie não catalogada, algo fora de nosso conhecimento. Será um desafio entendê-la e, se não quiserem ficar com a propriedade, tenho certeza de que o outro grupo ficará satisfeito em adquiri-la.

— Outro grupo?

— Sim, de estudiosos!

— E isso quer dizer o quê?

— Quer dizer, querido, que não sabem o que é essa coisa, e que isso pode ser perigoso! Se construirmos aqui, e se chegarem perto da casa... Não vamos comprar isso aqui, muito obrigada.

— Achamos que seja uma espécie... *Invasora* — instigou o corretor.

— *Invasora* do tipo...?

— Do tipo que não veio deste mundo, se está me entendendo. Veja, o padrão de comportamento que observamos, os padrões intrincados com que estruturam suas colônias, o jeito como corrompem o entorno em que vivem, não parecem ser compatíveis com criaturas provenientes deste ambiente, entende?

— Nós não vamos construir aqui! — exclamou a mulher, sobrepondo sua voz às dos homens, que tinham adotado um tom grave de cochicho cúmplice. O marido, no entanto, a ignorou.

— Uma espécie nova e *alienígena*! Seria um achado... E a água? O que você me diz da água? É limpa? Isso é importante.

O vendedor apertou alguns botões no controle e outras imagens apareceram. Ele explicou:

— Vejam bem: temos vários veios de água limpa ao redor do campo, vão poder construir e não vão depender de fontes externas de água, será tudo auto-suficiente.

O marido acenou satisfeito, mas a mulher cruzou os braços: estava perdendo a disputa.

— E essa praga não contaminou a água?

— Bem... Perto da propriedade não. Há algumas fontes mais distantes em que eu não colocaria minha mão — falou o homem. — Mas, como disse o senhor, nada que um bom exterminador não resolva...

Outra foto surgiu na tela, uma imagem do pôr-do-sol turvo sobre um amontoado daquela colônia.

— É o ar?

— É...

O marido ficou assombrado.

— O ar também?

— É que... Parece que liberam gases tóxicos.

— Então são venenosos!

— Não exatamente — falou o corretor. — Houve uma equipe aqui antes

de mim, é claro. Testaram uma amostra. Não aconteceu nada. Parece que as coisas que liberam vêm de dentro das tocas, eu penso que talvez eles levem matéria viva para dentro e a decomponham de algum jeito.

— Precisaremos de uma análise biológica para ter certeza de com o que estamos lidando — o marido ponderou.

O primeiro mostrou um cilindro grande perto da mesa, onde uma pequena porção da praga estava isolada. A massa se movia vigorosamente, e parecia tentar sair, provocando calafrios na mulher.

— Antes de você chegar coletei um pouco para enviar para estudo. Mas já adiantamos alguns testes, por precaução. A imobiliária precisava ter certeza de que estaria segura caso estas coisas fugissem ao controle. Botamos fogo, e resolve: quando jogamos nas colônias grandes, tem área que até explode! Mas mantivemos as queimadas longe da área do campo, se não correríamos o risco de estragar o paraíso.

— Sei — disse o homem, mas franziu o cenho com os olhos cravados no frasco de amostras pulsantes. — Só que, se formos fechar negócio, terá que deixar isso para mim.

— O quê? — A mulher engasgou.

— Veja bem, não vou começar uma pesquisa sabendo que tem mais gente por aí fazendo o mesmo, será algo exclusivo *meu*, da *minha* propriedade!

— Começar... Estávamos procurando uma casa de veraneio! Não uma nova pesquisa! — Nervosa, a mulher segurou o marido pelo braço. — Escute: eu não quero morar aqui! Da última vez o acidente com suas brincadeiras de pesquisador me deixou doente por uma semana! E se for diferente aqui? E se isso for alguma coisa perigosa? E se invadir nossa casa? E se nos contaminar?!

O homem pediu um minuto a sós com a esposa e levou-a para um canto.

— Meu bem, são só umas coisinhas pequenininhas... São como ácaros!

— Não são tão pequenininhos assim, olha aquelas fotos! São asquerosos! Você não está entendendo? Seja lá que tipo de coisa forem, são como bolor. Vão crescendo e apodrecendo tudo ao redor!

— Não, meu bem, você é que não está entendendo: eu sou um cientista, é meu trabalho estudar coisas novas, e esses organismos... Pense bem: pode ser a cura do câncer! Ou pode ser que só faça crescer cabelo em

careca, quem sabe? De um jeito ou de outro, eu fico rico, famoso, e você ganha uma vida de rainha.

A mulher continuou de braços cruzados e carrancuda. Já estava saturada dos sonhos grandiosos do marido, e, principalmente, de como eles tendiam a dar errado. Ele então tomou as mãos dela entre as suas e prometeu:

— Se for muito difícil controlar esta peste, ou se alguma coisa fugir do controle, botamos fogo em tudo e vamos embora. Eu prometo. Afinal de contas, é só uma casa de veraneio!

— Então fechamos o negócio? — perguntou o corretor, os olhos brilhando.

— Com certeza!

— Alguma notícia do pessoal? — perguntou o garoto.

— De que pessoal você tá falando, dos nordestinos?

— Não, já fiquei sabendo. O Ceará todo está em chamas. Dizem que lançaram bombas sobre Fortaleza e arrasaram com a cidade toda...

— Então, de quem você está perguntando?

— Dos abduzidos. Não é por isso que estamos aqui? Porque o general tem notícias sobre eles?

— Acho que não, já faz meses, não deve ter ninguém vivo...

— Olha lá, ele vai começar.

Os rapazes aprumaram as costas, repetindo o gesto dos milhares de soldados agrupados nos galpões. Estavam perto do palanque, mas havia telões e caixas de som por todo o hangar reproduzindo o que se passava ali e também no resto do mundo. O líder não começou sua fala de imediato, mas parou em frente à televisão e assistiu, junto com a multidão silenciosa, à retrospectiva dos fatos dos últimos meses. A abdução de centenas de torcedores do estádio do Maracanã, lotado para a final do campeonato de futebol. O desespero de seus familiares. A destruição absoluta no ataque a São Paulo, que arrasou o bairro da Liberdade e explodiu postos de gasolina e shopping centers. A chegada da segunda nave, muito maior que a primeira. O voo histórico dos caças escoltando o

objeto. O ataque da nave às maiores cidades do globo; a coleta de humanos; a aliança de países rivais em busca de uma solução; a aparição das criaturas colossais e o início da construção do que os homens pensavam ser um tipo de máquina ou acampamento alienígena. Tentativas infrutíferas de fazer contato, massacres, terror, caos e, enfim, luz: uma aliança antes impensável de todas as nações em um único exército mundial para ordenar uma investida sincronizada. Enfim o rompimento do escudo de força do objeto, a destruição dos alicerces da tal construção, a invasão à nave e a retaliação dos alienígenas: disparo de canhões incendiários nas megalópoles terráqueas.

— Sentido! — bradou o general, e a imagem da tela agora mostrava vários outros exércitos ao redor do globo reunidos de frente aos seus generais. — Senhores, bravos soldados e cidadãos que se voluntariaram para esta missão, nos reunimos aqui hoje no crepúsculo da civilização para a derradeira investida de nossa espécie contra estes invasores. Sua chegada nos pegou de surpresa, mas nós aprendemos rápido. Se vieram por nossos recursos naturais, ou se desejam estudar nossa espécie, nos fazer de cobaias ou se alimentar de seres humanos, nós não sabemos. O que sabemos é que não vamos permitir que esta escória se aposse do nosso planeta! Já destruimos a edificação que tentaram montar aqui, já corrompemos sua nave, agora é hora de enviar esta corja de volta para o buraco de onde veio! Ao ataque! E que Deus nos proteja!

***Livia Stocco** nasceu e cresceu em Franca, interior de SP, seduzida pela fantasia desde muito cedo. Tímida, saía pouco de casa, e as aventuras das histórias lidas pareciam tão reais quanto o dia a dia. Lia, assistia e também criava desde menina - seu primeiro livreto ilustrado, chamado "O Azar", é guardado pela mãe até hoje, e foi feito quando tinha entre 5 e 6 anos. No entanto, levou muitos anos para que concluísse seu primeiro romance, e mais alguns ainda para que ela pudesse olhá-lo com um olhar mais crítico e profissional, e finalmente ter coragem para mostrar o que escreve para outras pessoas.*

Leia a entrevista sobre o conto.

NABU

Isa Prospero

Editado por Soraya Coelho

Mamãe dizia para não brincarmos com inteligências artificiais, mas Nabu era muito burro.

Eu o encontrei nos mares de lixo enquanto buscava coisas que a gente pudesse vender no Verde. Ele estava escondido embaixo de pedaços enferrujados de naves, transmissores, conduítes, escâneres, circuitos emaranhados e mais um monte de tralha. Eu vi uma perna primeiro. Ela brilhava, mas quase tudo no Lixo brilhava sob o nosso sol. O que me chamou a atenção foi que a perna terminava num pé redondo com garras, diferente do pé de qualquer robô que eu já tivesse visto. A perna também era bem menor e mais fina do que a de um robô comum.

Desenterrei o resto do corpo. Tinha mais que duas pernas, e no lugar de um rosto humanoide havia um focinho. Então entendi: era um *animal*. Eu nunca tinha visto um animal de verdade, mas os habitantes mais ricos do Verde tinham arti-animais que imitavam aqueles do planeta natal. Mamãe tinha me contado sobre eles. Era coisa de terráqueos: quando os animais de verdade sumiram, as pessoas começaram a fabricar uns de mentira, que imitavam perfeitamente os antigos. Mas arti-animais não tinham muito lugar no *nosso* mundo — não havia nada que pudessem fazer melhor que andróides. Então o que aquele bicho estava fazendo ali?

Ele era puro metal — sem pelos ou penas —, como se alguém tivesse largado o serviço no meio. Era pequeno — nem chegava à minha cintura — e não tinha juba, então concluí que não era um leão. Ele tinha três pernas (uma das traseiras tinha caído e pendiam fios do buraco) e duas orelhas que apontavam para cima.

Um coelho?

Não. Coelhos eram pequenos, não eram?

Coloquei o bicho de pé (ele ficou parado, apesar da perna que faltava) e olhei de um lado para outro. Ninguém à vista. Comecei a apalpar as placas de metal até encontrar um botão perto da barriga e apertei.

Ele vibrou e os olhos sem pálpebra brilharam com vida e inteligência. Ou algo do tipo.

— Oi! — eu disse.

Ele me olhou em silêncio, inclinando a cabeça para o lado. Será que estava solta?

— Que bicho é você? — Nada. Ficamos nos encarando por um tempo. Os olhos eram de um azul incandescente. Fiquei pensando se seria arriscado demais tocá-lo, e por fim catei uma barra no chão e o cutuquei à maior distância possível.

— *Oooooiiiiii*. Você tá quebrado?

— Au!

Dei um pulo para trás e caí sobre uma placa aberta que espetou meu traseiro em dezenas de pontos. Meu coração quase saiu pela boca. Ele estava *funcionando*.

— Então você fala?

— Au!

— Que língua é essa? — O som que saía dele era algo que eu não lembrava de já ter ouvido. Ele continuou fazendo o barulho. — Espera, isso foi um *latido*? Você é um *cachorro*?

O possível cachorro veio até mim sobre as três patas, tropeçando nas dunas de lixo. Ele tinha uma antena curta entre as pernas traseiras que ficava abanando sem parar, e isso com certeza tinha que ser alguma pane de circuito. Isso e o fato de não responder às perguntas. Que tipo de IA não falava?

Meu irmão coletava chips de informação no Lixo, que a gente rodava em um tocador em casa, e lembrei de um que ele tinha me mostrado muito tempo antes, sobre animais terráqueos. Tentei recuperar a memória. Eu estava bastante certa que aquilo *era* um cachorro. Tinha quase certeza de que cachorros não comiam gente, mas por segurança me levantei e me afastei uns passos. O cachorro me seguiu, mas não me atacou. Só ficou perto de mim, com a cabeça erguida e uma língua de metal pendendo da boca.

— Você... faz alguma coisa? — perguntei.

Ele inclinou a cabeça de novo. Suspirei.

— Sistema de direcionamento? Escaneamento radioativo? Qualquer coisa? Ah, você tá quebrado. É melhor eu te desligar.

Mas não fiz nada. Ele tinha começado a andar de novo e ficava tropeçando nas peças. Era meio patético, mas ele parecia estar *tentando* e... bem, eu só não desliguei. Ele me seguiu pelo resto do dia enquanto eu catava e, quando via que eu estava cavando, vinha cavar do meu lado. Para isso as garras eram úteis. Não tão boas quanto uma empilhadeira, verdade, mas era melhor que nada.

— Sebo! — chamou uma voz conhecida.

Droga.

Eu não tinha ouvido meu irmão chegar. Ele olhou para mim, então para o animal.

Seus olhos se arregalaram.

— Isso é um *cachorro*?

— Não é um cachorro — eu disse.

— Au! — latiu o cachorro.

— Shhhhh. — Cobri o focinho de metal com uma mão. Os olhos brilhavam verdes agora. A anteninha prateada abanava devagar.

— Desliga ele já! — mandou meu irmão.

— Não — rebati. — Ele é meu agora. — O chip contava que os terráqueos tinham animais pessoais que os seguiam por toda parte, como ajudantes, e gostei da ideia de ter um bicho só meu.

Ele franziu as sobrancelhas, que se uniram no meio da testa. Seria intimidador se ele não fosse só um palmo mais alto que eu e magro como arame.

— Sebo.

— Sem.

Mamãe nos chamava de uns sons estranhos que não queriam dizer nada, mas entre os catadores nós tínhamos outros nomes. Eu era Sebo porque quando era ainda menor caí numa poça de combustível vazado e fiquei toda ensebada, da cabeça aos pés. Meu irmão era Sem Braço, o que não era muito adequado porque ele *tinha* braço. Só um, mas mesmo assim.

Aconteceu quando eu nem tinha nascido: ele encontrou um androide nas dunas e achou que sabia consertá-lo. O negócio era um robô de colheita, e a primeira coisa que fez quando foi ligado foi estender uma foice e fatiar o braço do meu irmão.

Por isso mamãe não gostava muito de IAs.

O que importa é que, quando eu era bem pequena, não conseguia falar Braço, então só o chamava de Sem. E ficou assim.

— Ele pode valer uns trocados — Sem disse.

— Você não vai vender meu cachorro de estimação!

Ele revirou os olhos.

— Ele fala?

— Não muito...

— Ele nem tem uma perna.

— Ele consegue andar nas três.

— Como ele chama?

Pensei depressa.

— Nabucodonosor, o Conquistador.

— *Quê?*

— A Nabucodonosor foi a primeira nave que chegou aqui — eu disse, me sentindo satisfeita ao não tropeçar no nome e ainda ensinar alguma coisa pra ele.

— Eu *sei* o que é — rebateu Sem, que tinha que ser um sabe-tudo —, só que é um péssimo nome de cachorro.

— Por quê?

— Nomes de cachorro eram *curtos*! Pra você chamar e eles virem!

Cruzei os braços e o encarei.

— Desde quando você é especialista em animais?

O sol era como uma prensa e o suor escorria pela minha camisa fina, costas, braços, testa. Eu e Sem ficamos nessa batalha silenciosa por alguns segundos, então ele jogou a mão pra cima.

— Que seja. Mas você cuida dele! — E antes de se virar: — E não deixa *ninguém* saber disso!

Nosso planeta se chamava LM-246 e ainda estava em processo de terraformação. Quer dizer, *era* pra estar. As partes do meio tinham mais água subterrânea e foram escolhidas para ser terraformadas primeiro, enquanto os desertos ao redor foram deixados pra depois. Só que o depois não chegava nunca. Quando uma faixa — o Verde — ficou habitável, eles

meio que deixaram o resto pra lá. Jogaram tudo que usaram no trabalho nos desertos, inclusive os trabalhadores que tinham construído o novo planeta. Meus ta-ta-taravós estavam entre eles.

A *nossa* parte era o Lixo (oficialmente, a Pe-ri-fe-ria, uma palavra muito longa e muito chique pro negócio de verdade). O Lixo era basicamente areia, calor e muita, muita tralha.

Quando o Verde começou a ir bem — ar bom, água fresca, colheitas abundantes —, mais humanos foram chegando para colonizar LM-246. Aí começaram os problemas. Pelo que diziam, o pessoal que não estava no comando queria estar no comando, então precisavam dar um jeito de expulsar o pessoal que *estava* no comando. Para isso eles precisavam de armas.

E os primeiros colonizadores tinham jogado fora muita coisa boa. Pelo menos, muita coisa que podia virar algo útil — ou perigoso. Nosso trabalho era encontrar qualquer peça nos mares de lixo que desse para vender. Às vezes eu pensava no que ia acontecer quando não sobrasse mais nada, mas Sem dizia para eu não me preocupar. Ele era bom com tecnologia: arrumava várias coisas que a gente achava e ficava assistindo chips de informação e me contando um monte de fatos que eu não entendia bem sobre o universo e viagens espaciais. Acho que ele pensava em montar uma nave um dia e sair de LM-246.

Mas, até lá, a gente tinha que catar.

Comecei a levar Nabu comigo. Ele fazia várias coisas:

- vinha quando eu chamava (pelo apelido ou o nome inteiro);
- corria atrás de coisas que eu jogava (e trazia de volta, então eu tinha que jogar de novo, e de novo, até ele deixá-las lá finalmente);
- puxava coisas que eu estava segurando (e que eu queria na mão);
- me encarava enquanto eu comia (não sei bem por quê);
- cavava a areia (às vezes sem motivo, às vezes para enterrar objetos — inclusive alguns que eu já tinha separado pra levar);
- corria em círculos.

Apesar de ser uma IA, ele não era nada bom em obedecer a comandos. Mas toda manhã acordava comigo (se acostumou com meus horários sem eu falar nada) e me acompanhava com seus *clacs* e *plocs* de metal. Por

algum motivo, eu adorava passar tempo com ele.

Amarrei uma fita para cobrir os fios da perna faltante. Tentei consertar a cabeça, que às vezes ainda pendia pro lado, mas não parecia ter nada solto nela. A antena — que chamava “rabo”, de acordo com Sem — também continuava balançando. Achei que fosse um defeito, mas meu irmão (que passava tempo demais comigo e Nabu pra alguém que não tinha interesse em arti-animais defeituosos) disse que os cães de verdade faziam isso.

— Por quê? — eu perguntei. Estávamos sentados à sombra de um cargueiro abandonado e Nabu tentava cavar um buraco numa placa de metal. Como eu disse: muito burro. As garras faziam *tec-tec-tec*.

— Por *quê*? — ele repetiu. Obviamente não sabia, e Sem odiava não saber as coisas. — Era pra... indicar o sentido do vento. Escuta, Sebo. Eu acho que ele é um cão de primeira geração.

— Um o quê?

Ele se inclinou pra frente, com aquela cara de quem ia começar a falar um monte de coisa que tinha assistido em chips.

— Quando as pessoas começaram a fazer animais artificiais, lá no planeta natal, elas pensaram em fazer os bichos do jeito que eles eram mesmo. Personalidade e tudo. Eles nem falavam.

— Que nem o Nabu!

— Isso. Eles queriam animais pra substituir os que tinham morrido, entende? Mas daí pararam de fazer eles assim.

— Por quê?

— Acho que viram que eles não serviam pra muita coisa.

— Au! — protestou Nabu.

— Os cachorros protegiam as casas — eu disse. Isso eu lembrava. Não entendia bem por que os terráqueos tinham *cachorros* de guarda, em vez de tigres ou velociraptors, que pareciam ser mais eficientes, mas deviam ter algum motivo.

— É, mais àquela altura as pessoas já tinham sistemas de segurança automatizados — disse Sem. — Ninguém precisava mais de um latido pra avisar de nada. Depois, surgiram os arti-animais como a gente conhece, com a aparência idêntica aos animais conhecidos, mas muito mais evoluídos. Inteligências artificiais, na prática. Ajudavam a cuidar das crianças, com os negócios e tudo mais. Eu dei uma olhada nos circuitos do

Nabu...

— Sem!

— Não machuquei ele, fica calma. Ele é diferente de qualquer IA que eu já vi. Mais simples, e mais complexo ao mesmo tempo. Não sei explicar. Só sei que ele não foi feito pra falar, e parece ter todos os instintos de um cachorro de verdade. Ele deve ser *muito* antigo.

— Será que alguém trouxe ele da Terra?

— Provavelmente. Devia ser alguma herança de família. — Sem se levantou e passou a alça da sacola sobre o ombro. — Vem, vai escurecer daqui a pouco. Mas antes... olha o que eu encontrei.

Ele tirou algo da sacola — um pedaço de metal que parecia o antebraço de um androide, com fios vazando de um lado. Parecia coisa boa — os fios não estavam desencapados e o metal estava polido, tinindo. Tinha mais ou menos a altura das pernas do Nabu.

— Eu vou fazer uma quarta perna pra ele — disse Sem.

— Onde você achou isso?

Ele se virou pra Nabu.

— Ouviu? Eu vou te consertar!

Nabu deu um latido metálico e veio mancando até nós, o rabo indicando o sentido do vento.

Os catadores no Lixo eram divididos em grupos e gangues com territórios bem definidos. Mamãe, Sem e eu morávamos num agrupamento pequeno, com cerca de cinquenta pessoas, descendentes de agricultores de primeira leva. Nosso território tinha principalmente coisas pequenas e não-inteligentes, como varredores de dunas, localizadores, bússolas e arados eletrônicos, e fazia fronteira com o território dos Exploradores.

Os Exploradores originais era um pessoal que tinha descido em LM-246 quando a atmosfera ainda era tóxica. Muitos ficaram doentes naqueles primeiros tempos, e quando as coisas finalmente começaram a melhorar e mais colonos desceram, eles eram poucos e fracos e perderam o poder. Seus descendentes ainda se chamavam de Exploradores, embora eles

fossem só catadores de lixo, que nem todo mundo ali.

A área dos Exploradores tinha uma grande concentração de IAs usadas nas primeiras etapas da exploração. Depois elas tinham sido substituídas por IAs mais complexas e elegantes, mas tinha surgido um interesse nessas IAs originais no Verde porque eram resistentes e bruscas. Os Exploradores enriqueceram — na medida em que alguém *enriquecia* no Lixo — comercializando essas máquinas, e eram *muito* territorialistas. Eles não pegavam nosso lixo, e esperavam que a gente não pegasse o deles.

Eu não percebi que Sem tinha encontrado a nova perna de Nabu no território dos Exploradores até que ele já a tivesse instalado.

Ele desligou Nabu para colocar a perna, que de algum jeito ele havia deixado parecida com as outras. Quando religou o cão, a perna zuniu, vibrou e se integrou ao conjunto.

— Na verdade, ela é bem melhor que as outras — comentou Sem, rindo. — Ei, Nabu! Não deixa ela sair correndo na frente.

— Au!

— Sem... — eu disse. — Isso não é coisa daqui, é?

Ele pareceu desconfortável, mas deu de ombros e afagou meu cabelo.

— É só lixo. Ninguém vai reparar. Ninguém nem sabe que Nabu existe.

Só que eles sabiam, sim, e tinham reparado. A gente descobriu no dia seguinte, quando saímos pra catar, eu, ele e Nabu, e alguém chamou de uma duna:

— Sebosa. Sem Braço.

Reconheci aquela voz imediatamente. Era o Carapaça.

Ele tinha mais ou menos a idade de Sem, mas era mais alto — e bem mais largo. Era chamado assim porque tinha criado um tipo de armadura que usava no calor insuportável e o deixava ainda mais ameaçador. Uma placa de metal curva cercava sua cabeça por trás e pelos lados, como um capacete aberto. Ele estava usando a armadura completa agora. Sem entrou na minha frente. Eu entrei na frente de Nabu.

— Carapaça — disse meu irmão. — O que está fazendo aqui?

— Vim pegar o que é nosso.

Som de passos sobre metal. Dois outros catadores apareceram atrás dele, uma garota e um garoto que eu não conhecia, mas que tinham cara de poucos amigos.

— Do que você está falando? — perguntou Sem.

Carapaça deu mais alguns passos até a gente.

— Do seu cachorro. Achou que a gente não ia reparar que entrou no nosso território? Tem vigilância em toda a fronteira. Só não te paramos porque a gente imaginou o que você ia fazer. — Ele foi pro lado; Sem e eu giramos ao mesmo tempo, formando uma órbita, mas Carapaça viu Nabu e apontou. — Ele vai dar um belo presente pra alguma menininha querendo brincar de terráquea.

Olhei pra Sem, assustada. Meu irmão balançou a cabeça para Carapaça.

— Ele é nosso. Encontramos no nosso território!

— Essa perna é minha — disse Carapaça. — E está ligada no cachorro. Então não vai ter jeito.

— A gente te paga pela perna — disse Sem, mas eu sabia que a gente não tinha como pagar por nada e que mamãe ficaria furiosa se soubesse que ele fez a oferta.

Carapaça balançou a cabeça de novo. O capacete raspava nas placas dos ombros quando ele fazia isso. Ele chegou mais perto até ficar bem na frente de Sem e o encarou de cima, parecendo três vezes o tamanho do meu irmão.

— O cão é nosso.

— Vai embora, Sebo, e leva o Nabu — ordenou Sem.

— Não vou! — eu disse. Estava com tanto medo que não conseguia nem me mexer. Eu não queria dar Nabu, mas e se eles machucassem Sem?

— Vai embora, Sebo!

— Ela não vai pra lugar nenhum! — berrou Carapaça.

Ouvi um som estranho e percebi que vinha de baixo — de Nabu. Ele estava... vibrando, a boca aberta, enquanto mostrava os dentes de metal. Não. Não era uma vibração, era um *rosnado*.

— O que ele está fazendo? — perguntou a garota atrás de Carapaça.

Carapaça falou pra Sem:

— A gente não quer machucar vocês, então não façam nada idiota.

Foi aí que Sem resolveu fazer algo idiota.

Ele ergueu a mão e deu um soco em Carapaça. O punho atingiu o lado do capacete e empurrou a bochecha de Carapaça, mandando a cabeça do garoto pro lado. O golpe pareceu doer mais em Sem que em Carapaça, mas o olhar do Explorador prometia vingança.

Carapaça fechou a mão num punho. Inspirou fundo. Fez um arco no ar

com o braço.

Só que o golpe nunca o acertou — enquanto seu punho se movia, Nabu pulou.

Tudo aconteceu muito depressa. Com a boca arreganhada e os dentes afiados refletindo a luz do meio-dia, ele saltou sobre o braço de Carapaça, que berrou quando os dentes de Nabu atravessaram sua armadura e se enfiaram na carne por baixo. Ele agitou o braço pra tentar se livrar do cachorro, só que Nabu era um cão artificial – sem muita inteligência, mas com força de sobra.

— Nabu, solta! — gritei.

Um pedaço da armadura caiu na duna com um tinido. Sangue jorrava do braço nu de Carapaça.

Ele olhou com ódio para Nabu. O cachorro ainda rosnava pra ele, sangue escorrendo dos caninos de metal. Seus olhos brilhavam com uma intensidade que eu nunca tinha visto: o azul de costume se tornou um vermelho intenso.

Carapaça apontou um dedo pro meu irmão.

— Qual é o comando pra desligar essa merda?

— Ele não obedece comandos — Sem respondeu.

— Que merda de IA não obedece comandos? — Carapaça olhou pra mim. — Você, você sabe controlar ele!

— Eu não sei! — Era verdade, Nabu só obedecia quando queria.

Carapaça voltou os olhos furiosos para Nabu.

— Então essa merda não serve pra nada.

Ele fez um gesto com a mão ensanguentada e, um instante depois, ele e os dois outros Exploradores atacaram o arti-animal.

— Não! — gritei, indo para cima dos três. Mas um braço me segurou pela cintura: meu irmão, que me puxou com tanta força que caímos os dois para trás.

Nabu se defendeu com ferocidade: pulava de um dos Exploradores para o outro, rosnando, rasgando, arrancando sangue. Mas os três o chutavam e batiam nele, até que o garoto agarrou suas patas de trás e a garota tirou uma arma da cintura, uma pistola laser.

— Não, deixa ele! — eu berrei, ao mesmo tempo que ela atirou no flanco de Nabu.

Ele caiu na duna. Tinha um buraco no seu corpo agora, e os circuitos

nus chamejavam. Carapaça olhou para gente. Sem ainda me segurava.

— Fica longe do nosso território — cuspiu ele —, senão eu volto aqui e te arrebento, entendeu?

E deu um último chute em Nabu. Os três se afastaram no mar de lixo, e assim que sumiram na duna seguinte, eu me desvencilhei de Sem e corri até Nabu.

O cão soltou um *auuuu* longo e triste que se dissolveu numa série de bipes e estalos. Os fios no interior chispavam; uma placa estourou e saiu voando nas dunas. Segurei a cabeça dele e uma língua metálica lambeu a minha mão. Seus olhos mudaram de cor depressa: verde, azul, rosa, laranja. Então branco, cada vez mais fraco. Então se apagaram.

Sem se ajoelhou ao meu lado.

— Sem, conserta ele! — pedi. — Conserta ele!

Mas não tinha jeito. Mesmo que entendesse os sistemas de Nabu, não tínhamos as peças para consertá-lo. Ele era terráqueo, uma tecnologia antiga e desconhecida. Era único.

E estava morto.

Enterramos Nabu atrás de casa. Cavamos um buraco na areia, deitamos seu corpo com cuidado e o cobrimos. Então ficamos em pé, olhando o montinho sobre a cova.

— Ele era um bom cão — disse Sem.

Eu desatei em lágrimas. Elas escorriam pelo meu rosto e deixavam um gosto salgado em meus lábios. Ele pôs o braço ao redor dos meus ombros.

— Sem — eu disse. Meu peito descia e subia, meus olhos estavam inchados e a garganta arranhava. Era como se um gancho me puxasse por dentro.

— Que foi, Sebo?

As palavras saíram entre soluços:

— Eu acho. Que. Descobri. Porque. Pararam. De fazer. Cães. De verdade.

Isa Prospero nasceu em Piracicaba e mora em São Paulo. Escreve no blog literário *Sem Serifa*, é coautora do romance juvenil *Volto quando puder* (2016) e publicou histórias de ficção especulativa na antologia *Mitografias*, na *Superinteressante* e na revista *The Fantasist*, entre outros.

Leia a entrevista sobre o conto.

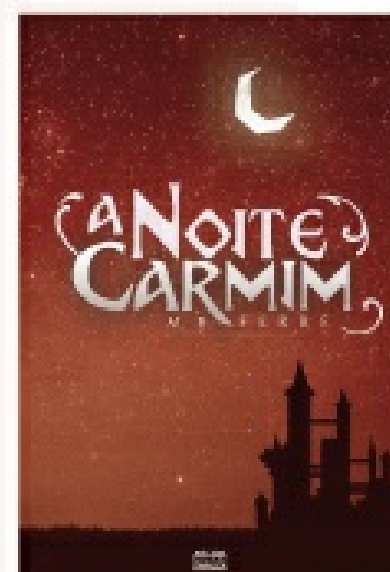
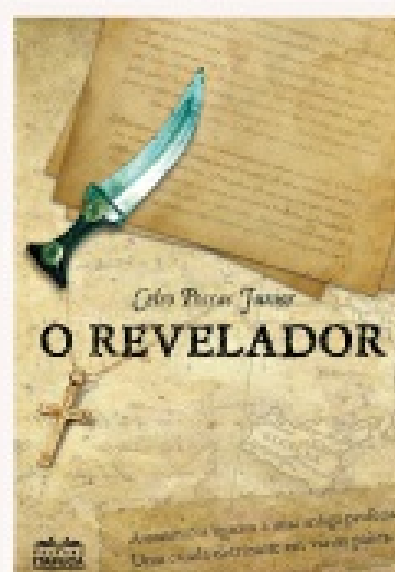


O QUE NÓS FAZEMOS?

- **Traduzimos** seu texto com muito **carinho**, do **português para o inglês** e vice-versa. Verter seu conto para o inglês irá **multiplicar o alcance da sua obra**.



- Criamos uma **arte de capa LINDA** para a **sua obra**, como as que você pode ver logo **abaixo**:



Para estes e outros serviços editoriais:
contato@calliope.com.br

Para ver essas e outras capas em alta resolução, acesse:
calliope.com.br/cat-portfolio/cat-capas/

www.calliope.com.br



**Galeria:
Raitan Ohi**



R









ENTREVISTA: RAITAN OHI

Por Enrico Tuosto



Raitan Ohi, ilustrador e concept artist de São Paulo, é apaixonado por bichos, comida e cactos. Seu trabalho é mais voltado para o mercado editorial didático, ama desenhar para crianças e fazer fanarts de cultura pop.

De onde surgiu a ideia para a capa da Trásgo 18?

Gosto muito de universos distópicos, futuros alternativos e viagens espaciais. Fazem parte do meu acervo mais querido de referências coisas como Star Wars, Mad Max, Guardians of the Galaxy e Fallout 4. Pensei então que seria interessante criar uma personagem que fosse como uma assassina profissional interestelar que juntasse um pouco dessas referências.

Como costuma ser o seu processo criativo? Essa capa seguiu esse mesmo processo?

Normalmente eu penso uma ideia geral de desenho e trabalho com rascunhos bem soltos e rabiscados em thumbnails, de forma a trabalhar a pose e organização da cena. Quando é com personagens, os rabiscos evoluem para uma construção de personalidade/backstory/figurino e depois vou refinando conforme vou finalizando. Essa capa eu usei exatamente o processo que engloba essas duas descrições, porém tentei variar meu estilo mais comum de trabalho para algo diferenciado com menos cara de cartoon e mais parecido com materiais promocionais de games, buscando sair da zona de conforto e fazer uma arte mais condizente com o teor da revista.

Se você pudesse criar apenas mais uma ilustração na sua vida, qual sentimento gostaria de passar com ela?

Energia, alegria, movimento.

Você está dirigindo numa estrada deserta. O que está tocando no

rádio, quem está sentado ao seu lado, como é a paisagem em volta, qual o tipo de veículo que você está dirigindo e onde você quer chegar?

No rádio toca Vinicius de Moraes e Toquinho, do meu lado está a Lari, minha namorada, ao redor tem árvores e um lago gigantesco, o veículo realmente tanto faz e quero chegar na casa da minha avó do Paraná, deitar na rede da varanda e cochilar lendo um livro.

O que você mais gosta de explorar na sua arte?

Gosto da ideia de dar vida aos desenhos. Gosto especialmente de desenhar personagens e ambientes porque com eles podemos passar ideias e sensações, climas e personalidades. As artes que mais admiro são justamente as que conseguem parecer vivas à sua maneira.

Quais artistas e mídias mais te influenciam?

Comecei a desenhar assistindo clássicos Disney e lendo quadrinhos ainda bem criança então acabam sendo as mídias mais influentes no meu imaginário artístico. Artistas de desenvolvimento visual para animações como Cory Loftis, Jin Kim e Nico Marlet são alguns dos que mais me influenciam, e tenho dois ídolos absolutos que são Bill Watterson e Quino, quadrinistas. O que percebo de convergência no estilo de todos esses artistas fantásticos é a capacidade de dar vida e movimento para seus personagens, com expressões corporais e faciais únicas, elementos que busco incansavelmente no meu próprio trabalho.

Quais são os seus planos para o futuro? Algum projeto que queira compartilhar com as leitoras da Trasgo? Use este espaço para deixar o seu contato com a gente.

Trabalho atualmente com ilustrações para livros didáticos e amo muito fazer isso. É uma área onde consigo trabalhar os elementos que citei, como expressividade e vida no desenho, e para o público que mais sabe apreciar isso. Porém penso muito em ir aos poucos me inserindo no meio de animação, sonho ainda trabalhar com concept art para animações e character design. Por enquanto vou estudando com esse objetivo. Meu e-mail para contato é raitan@outlook.com.

Última pergunta: qual o nome da personagem da capa da Trasgo

18?

Foi numerada quando nasceu como TX091-K mas pode chamar de Tex.

***Enrico Tuosto** é escritor, revisor da Trasgo e rockstar fracassado. Também cuida das redes sociais e da newsletter da revista, mas o que ele gosta mesmo de fazer é jogar RPG.
enricotuosto.tumblr.com/writing*

ENTREVISTA: MARLON ORTIZ

Por Lucas Ferraz



Marlon Ortiz, escritor nascido em Florianópolis, Santa Catarina, atualmente cursa Sistemas de Informação na UFSC. Gosta de misturar gêneros para criar histórias diferentes, especialmente ficção científica e fantasia, voltadas a explorar uma realidade igual a nossa onde alguma coisa é completamente diferente. Seu maior hobby são videogames e ver vídeos de receitas de torta que ele não vai conseguir fazer. Acabou de acabar um conto chamado "Uma Tempestade Determinística" que é uma introdução ao seu projeto maior, o livro "No Jardim do Demiurgo." Os dois estarão na Amazon em breve.

Em "A Queda de Pleroma" vemos clones e os últimos humanos vivendo em estações espaciais. Você tem mais histórias para contar nesse universo?

Sim! Algumas delas já escritas, inclusive! Mas cada uma com personagens bem distintos, como um médico lutando contra uma epidemia em outra estação, e uma combatente ferida nas ruínas da Terra, esquecida pelos seus companheiros. A ideia é que as histórias acontecem em sucessão, mas não necessariamente com os personagens interagindo. Gosto da ideia de um universo que vai sendo montado com pequenas informações aqui e ali, ao invés de seis páginas dedicadas à infame "exposição".

De onde veio a inspiração para escrever "A Queda de Pleroma"?

Do Mar! Pensei na humanidade fazendo contato com uma criatura marinha antiga e conseguindo sua imortalidade, e as coisas dando errado logo em seguida. Mas o conceito principal é que faz tanto tempo que ninguém se lembra, e embora imortais, os humanos originais não são mais do que uma dúzia. Queria fazer um conto sob a perspectiva dos filhos da humanidade, os clones chamados de marionetes, e como eles viveriam quando seus "destinos", o propósito pelo qual cada clone foi criado, não

importasse mais. Pensei em como mesmo após o fim da humanidade como conhecemos, alguns pensamentos como preconceito, fatalismo, ganância e corrupção ainda se mantêm, e é preciso lutar contra esses impulsos sempre.

Quais são suas inspirações e referências na literatura e ficção científica?

Eu consumo de tudo, então provavelmente tudo o que eu já li, joguei e assisti escorre em tudo o que eu escrevo. Gosto muito mais de histórias que tem uma mensagem ambígua, que permita ao leitor preencher as lacunas com as suas próprias experiências. Gosto muito de King, especialmente da Torre Negra, e também de livros menos conhecidos como "Piquenique na Estrada", "Neuromancer" e "Metro 2033". Gosto muito de falar com as pessoas e ouvir de verdade, também. Descobri que você aprende muito com os outros quando realmente escuta, ao invés de "ouvir", e tento por esses questionamentos, dores e aflições nas páginas.

Como funciona seu processo criativo?

Meu processo criativo se resume a ficar constantemente me forçando a parar de escrever para poder funcionar como um ser humano. Fico pensando em histórias malucas o tempo inteiro, e quando eu dedico uma ou duas horas ela geralmente vem em uma torrente. Esse conto foi escrito em uma hora! (O que fica claro para quem quer tenha olhado ele antes da edição...). Mas eu sempre tento elaborar uma ideia coesa, um tema, antes de colocar tudo no papel.

Tem trabalhado em algo novo que queira adiantar aos leitores da Trasgo?

Sim! Eu terminei um conto chamado "Uma Tempestade Determinística" que é um conto introdutório ao meu projeto, um livro de 120 mil palavras chamado "No Jardim do Demiurgo", que estou terminando de editar. Tanto o livro quanto o conto são um misto de fantasia com ficção científica, realidade virtual, simulação, princesas, deuses e contos de fada, cheio de personagens femininas fodas e uma trilha sonora escondida em links dentro do texto. Estou finalizando a capa do conto, mas vai estar na Amazon! Quem quiser ler antes pode me pedir por e-mail também!

Onde quem gostou do seu conto pode acompanhar seu trabalho?

Acabei de criar uma página para os projetos, é só ir no fb.com/marlon.ortiz.nascimento que eu vou começar a postar tudo lá, inclusive os contos! O Tempestade vou disponibilizar de forma gratuita lá.

***Lucas Ferraz** é um consultor de TI que se meteu a escrever e não parou mais. Participa dos podcasts CabulosoCast e Papo Lendário, sobre literatura e mitologia respectivamente. Escreve crônicas e edita os contos do Leitor Cabuloso e participa da Trasgo como revisor lucasferraz.com | [@ferraz_lucas](https://twitter.com/ferraz_lucas)*

ENTREVISTA: GUILHERME LOPES

Por Rodrigo van Kampen



Guilherme Lopes, nascido em Recife e morador de Atibaia, São Paulo, é escritor e trabalha como advogado. Mais feliz quando lê e escreve, ele mal pode esperar para mergulhar no mundo da literatura fantástica brasileira e deixar sua contribuição. Já publicou em uma coletânea de contos, mas "O Chapéu do Mago" é seu primeiro independente. Encontre-o na Câmara Sinestésica (camarasinestesica.wordpress.com), seu blog de literatura fantástica.

"O chapéu do mago" é um conto que trabalha com um humor ingênuo, mas muito rico uma vez que você percebe quem realmente está no controle da situação. Como foi o processo de escrita desse conto?

"O chapéu do mago" começou como só o primeiro capítulo, um microconto sobre um fazendeiro que tem um encontro com um mago sem perceber. Mas acabei querendo saber para onde a estrada levaria o Chapéus, e com quem ele iria se encontrar no caminho. Para descobrir, tive que escrever! Queria explorar essa ideia de um mago distribuindo epifanias por aí, inconscientemente. Chapéus tem pouco bom-senso e uma propensão a se perder no caminho, mas ao mesmo tempo desperta algo nas pessoas.

Tudo começou de uma ideia sobre um mundo em que magia existe, mas só sobre coisas pequenas ou banais. Para os RPGzistas, seria como um mundo em que magos só conseguissem conjurar "prestidigitação". Esses magos seriam muito especializados, e até poderosos, mas de um jeito diferente.

Desde o início, o conto tinha a intenção de ser mais leve, "comfy", mas também instigante.

Há duas cenas que me conquistaram, a primeira a do guarda, e o final, onde finalmente entendemos a força do personagem. Pode

contar um pouco mais sobre essas cenas?

Quando estava escrevendo a cena do guarda eu já sabia que queria montar três atos “crescentes”, em que Chapéus vai encontrando personagens com cada vez mais poder social. O guarda corrupto é uma figura muito familiar para nós, mas eu não queria que ele fosse só uma caricatura, e sim que fosse real, ambíguo. Por isso o último parágrafo da cena, em que tentei humanizar o Tomas. Também, quando Chapéus faz menções a outros lugares no mundo, percebi que queria escrever mais sobre eles.

Na cena da sala do trono, há uma tensão constante entre as personagens, que não só têm interesses opostos, mas são incapazes de entender a visão de mundo do outro. Eu acho que Chapéus pode ser interpretado tanto como realmente ingênuo ou nem tanto assim, alguém que se utiliza dessa impressão para ofuscar e fazer as pessoas julgarem seus comportamentos por outra perspectiva. De qualquer forma, a ideia era que alguém poderoso e orgulhoso como o rei não está nem um pouco interessado em auto-reflexão — mas Chapéus o empurra nessa direção mesmo assim.

Nas duas cenas também tentei fazer com que o conto não tivesse como pano de fundo só uma “Europa fantástica genérica”, e tentei colocar diversos pequenos detalhes para sugerir uma atmosfera à brasileira.

Quais são as suas principais referências para escrever com humor? E de maneira geral, o que tem consumido?

Uma das minhas maiores influências, principalmente neste conto, é o Discworld de Sir Terry Pratchett. O humor dele é inseparável do desenvolvimento da história, sempre diz alguma coisa sobre as personagens (maravilhosas), ajuda a construir o mundo fantástico, critica o nosso, e ainda por cima consegue ser engraçado pra caramba. Também não dá pra negar minha artéria tolkieniana forte, e eu tentei passar a vibe daquele humor simples e leve que permeia a aventura em O Hobbit.

No momento a minha pilha de cabeceira está bem variada, até: tem a obra completa do Lovecraft representando o terror; Felipe Castilho a fantasia com seu Ordem Vermelha: Filhos da Degradação; Ursula LeGuin e Jeff VanderMeer (A Mão Esquerda da Escuridão & Aniquilação) pelo sci-fi; e Dostoiévski, Memórias do Subsolo, como "literatura de verdade"

(brincadeira, gente).

Como é o seu processo de escrita, geralmente?

Eu penso muito antes de escrever. Quando tenho uma ideia, fico mastigando mentalmente a trama, personagens e cenas legais, andando pra lá e pra cá pela casa antes de fazer chá, sentar e colocar o brainstorming no papel (com caneta e caderno mesmo). Depois passo pelo Scrivener (programa de escrita que recomendo), e repito o processo a cada momento importante da história. Por causa disso sou um escritor lento, mas por outro lado já começo o processo tendo uma boa ideia do estilo e estrutura da história que quero fazer. E não tem jeito: por mais que se planeje, tem estradas que você vai encontrar e explorar só no momento da escrita.

Na Trasgo publicamos conto de autores experientes, e muitas vezes "revelamos" novos autores, como é o seu caso. O que você diria para quem está no processo de escrever e tentar ser publicado?

Se eu consegui aprender alguma coisa até agora, é que aquele conselho simples e bobo é o mais importante: escreva. Escreva todo dia, mesmo que seja só um pouco. Não tem segredo, ou se tem todo mundo sabe dele, e é esse. A única coisa que consegue empatar em importância com escrever, para um escritor, é ler (e há debates). Muitas vezes é difícil porque a sua melhora é invisível, mas ela acontece. Quando eu recebi a resposta da Trasgo sobre "O chapéu do mago", havia terminado o conto há meses e estava trabalhando em outros projetos. Reli o conto, e vi um monte de coisas que me fizeram dizer "nossa, eu faria isso melhor hoje" (e graças aos editores, fizemos). E esse deve ser o critério, melhorar. Nem precisa estar bom, desde que esteja melhor.

Quanto a publicar, pra mim não tem porta de entrada melhor do que a comunidade fantástica, em mais de um sentido, que existe ao redor de revistas de contos como a Trasgo, a Mafagafo, e a (para críticas e resenhas) Fantástica 451. Os autores de romances fantásticos brasileiros são, na minha experiência, pessoas super acessíveis e apaixonadas pelo que fazem. Esse é meu primeiro passo nesse mundo, e estou muito feliz em estar aqui.

O que mais você tem no seu chapéu prestes a ser publicado?

Um conto no mesmo universo de “O chapéu do mago”, em parceria com minha irmã Juliana Lopes, que é uma ilustradora espetacular. Se você ficou curioso sobre os outros magos mencionados na história, vai querer ler essa. Ela está sendo publicada em partes no blog, inclusive com extras sobre o processo de criação.

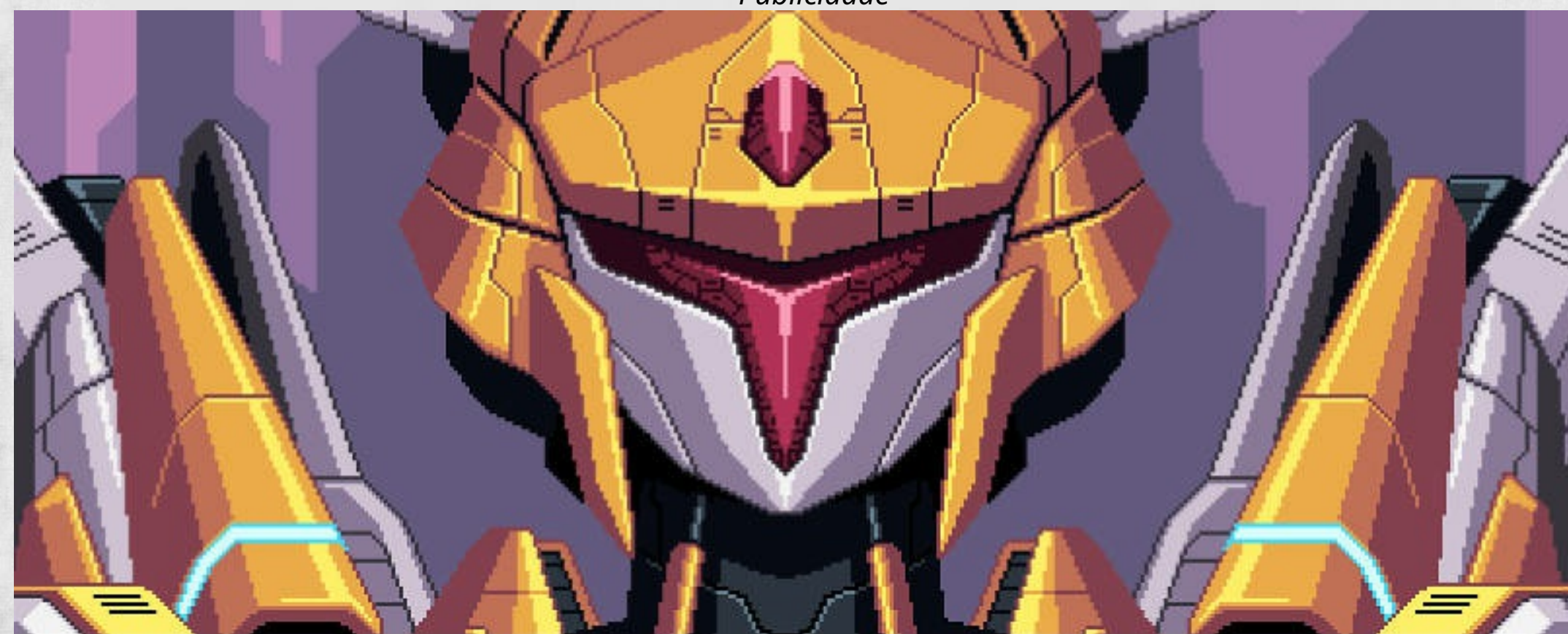
Mais contos nesse universo estão no horizonte em outros periódicos de fantasia brasileira, além de contos independentes exclusivos para o blog, e uma noveleta no gênero de terror em que estou trabalhando atualmente.

Gostaria de divulgar ou contar mais alguma coisa? Aproveite o espaço!

Siga a Câmara Sinestésica (camarasinestesica.wordpress.com) para acompanhar meus projetos; tem muita coisa vindo, e se você gostar de construção de mundos de fantasia e contos interconectados, eu quero que você me acompanhe nessas aventuras!

Rodrigo van Kampen é escritor, editor da Revista *Trasgo*, redator publicitário e foge de moto nos fins de semana. É autor da novela independente *Trabalho Honesto* e já publicou em coletâneas da *Aquário*, *Draco* e outras publicações. Mora em Campinas com sua esposa, filha e uma vira-lata, escreve em viverdaescrita.com.br e pode ser encontrado no Twitter como [@rodrigovk](https://twitter.com/rodrigovk).

Publicidade



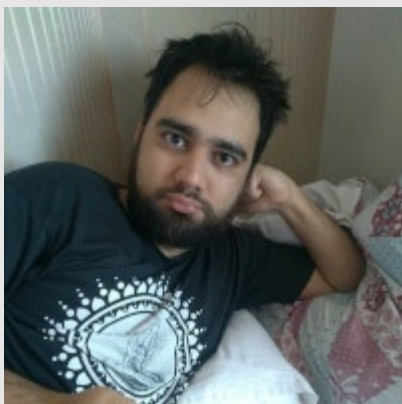
TRASGO
FICÇÃO CIENTÍFICA E FANTASIA

MANDE O SEU CONTO
NÓS PAGAMOS! ;)



ENTREVISTA: MARCIO MOREIRA

Por Soraya Coelho



Marcio Moreira é escritor e designer gráfico. Dono de um frivião chamado Osvaldo, já escreveu livros sem figurinhas (na verdade, foram só dois) e outros livros bem mais legais, com quadrinhos dentro (foram mais de dois), além de um zine-jogo chamado Chapeuzinho OU Vermelho e coisas na internet que não são exatamente livros. Também já

desenvolveu roteiros para games, animação e cinema. Como roteirista do coletivo Netuno Press, publicou os quadrinhos Pombos! e Sapacoco com Débora Santos, e Jimmy Zero from Outer Space (dentro da coletânea Boy's Love em Quadrinhos, da editora Draco) - ambos com Talles Rodrigues. Atualmente, mora em Fortaleza, onde trabalha como roteirista no Instituto UFC Virtual e desenvolve pesquisa acadêmica na área de quadrinhos.

O tema “bots” é um assunto atual e recorrente em vários canais, embora ainda um pouco obscuro quanto ao funcionamento. Por que você decidiu abordá-lo?

Sempre gostei da ideia de robôs que não são apenas pessoas de ferro – e o mesmo vale para inteligências artificiais. Afinal, se você tem infinitas possibilidades de design, por que criar um humanoide de metal ou um computador que pensa e se expressa como um ser humano? E bots são pura informação. Uma cadeia de comandos que cumpre uma função específica. Então o conto veio dessa pergunta: como seria se um algoritmo de busca se tornasse consciente? Como ele pensaria a própria materialidade? E como seria para ele saber tudo sobre como ser uma pessoa, mesmo não sendo uma? Ah, e claro que ele se apaixonaria e se tornaria um stalker!

Quais foram as suas principais influências e inspirações para a construção da história?

A ideia de começar o conto na primeira pessoa do plural veio de um livro chamado The Regional Office is Under Attack!, do Manuel Gonzales.

No início, os robôs são uma unidade e o discurso é protocolar, bem organizado. À medida que a história avança, eles começam a se individualizar, então a prosa fica (um pouco) mais solta. Tem muita influência do ciberespaço do Gibson: essa imagem da web como um lugar físico onde os bots se movimentam. Também calhou de ser um tema que vinha sendo explorado em algumas obras bem bacanas nos últimos anos: a série *Person of Interest*, o filme *Her* e o *Ancillary Justice* vieram à mente algumas vezes quando imaginei o funcionamento da IA comparado ao do cérebro (nesse ponto, rolou muita pesquisa). Mas a parte mais assustadora de escrever sem dúvida foram as considerações sobre o que significa ser humano. Dois autores que me ajudaram muito foram Frank Herbert e Kurt Vonnegut, que são citados diretamente no conto (será que você consegue encontrar?).

Quanto às suas influências literárias, quais seriam aquelas que você considera essenciais?

Realismo mágico transformou a minha vida. Eu li e reli Marina Colasanti, García Márquez, Adriana Falcão e Machado na adolescência. Duna também marcou muito pro lado da ficção científica, além das esquisitices do Kurt Vonnegut, ou seja, eu sempre me identifiquei mais com a ficção do que com a científica. Nesse trabalho não fica evidente, mas curto escrever comédia, então sempre volto pros ritmos do Luís Fernando Veríssimo e das obras do Guel Arraes (que junto com a Adriana Falcão fazem os melhores diálogos em português), e do Terry Pratchett, que é o escritor que eu quero ser quando crescer.

Você segue algum processo de escrita? Foi o mesmo utilizado para construir Bot ou houve alguma diferença?

Em geral, as ideias chegam aos pedaços. Às vezes um conceito pode vir pronto, mas isso não quer dizer que seja uma boa história, então costumo começar por uma cena, uma fala ou um personagem que me parece promissor. Eu anoto e deixo tudo guardado enquanto o inconsciente trabalha (e às vezes dou uma pesquisada para ajudar, como foi no caso desse conto). Na minha cabeça, é parecido com andar no mapa de *Age of Empires*: à medida que vou avançando, o cenário começa a se revelar devagarinho. Quando tenho associações e ideias suficientes, aí sim consigo

organizar uma série de ações (a parte mais difícil, pra mim). Daí eu escrevo e imediatamente tento esquecer o texto por um tempo (Bot começou a ser escrito em 2016) e depois tento voltar com uma nova perspectiva, reescrevendo até achar que ficou bom.

Se você decidisse criar um bot, qual seria sua principal função? Por quê?

Provavelmente cuidar das minhas redes sociais pra mim, porque eu gostaria muito de ser conhecido sem ter trabalho hehehe. Talvez desabilitar fake news e infectar o computador de quem produz esse tipo de conteúdo? Daí eu abriria uma loja de computadores para a direita e ficaria rico? Então minha riqueza me tornaria parte da elite e eu compartilharia fake news? Eu era o vilão o tempo inteiro???

Você está trabalhando em outros projetos no momento? O que podemos esperar? Fique à vontade para utilizar esse espaço para deixar sua mensagem aos leitores da Trasgo.

Faço parte do coletivo de quadrinistas cearenses Netuno Press. Lá, eu sou roteirista e já publiquei títulos como as hqs Pombos! e Sapacoco, com arte da Débora Santos, e o zine-jogo Chapeuzinho OU Vermelho. Você acha tudo na nossa lojinha, netunopress.iluria.com

Tenho um frivião chamado Deoclécio, então nem eu sei o que vem por aí! Mas até o fim do ano deve sair quadrinho novo pra CCXP e talvez um zine de micro-memórias e historinhas do cotidiano. Se você curtiu Bot, a melhor maneira de conhecer meu trabalho é colar no aquelemarciomoreira.tumblr.com e me achar naquela maravilhosa pracinha do apocalipse: [twitter](https://twitter.com/aquelemarciomoreira)/[facebook](https://facebook.com/aquelemarciomoreira)/[instagram](https://instagram.com/aquelemarciomoreira).

***Soraya Coelho** é natural de Fortaleza, mas mora em São Paulo há 4 anos. Pós-graduanda em Book Publishing pela Casa Educação, trabalha como analista de marketing digital na editora Somos. Além disso, é revisora na editora Dame Blanche. Especializada em revisão e preparação de ficção especulativa, escreve quinzenalmente na newsletter Cortesia da Casa.*

ENTREVISTA: HELTON LUCINDA RIBEIRO

Por Enrico Tuosto



Helton Lucinda Ribeiro é jornalista e sociólogo, servidor público, paulistano, 44 anos, casado com a Heloisa, leitor contumaz e escritor diletante, ex-jogador de RPG, estudioso do taoismo, consultor de I Ching, fã de faroestes e do Zé do Caixão, e, nas horas vagas, pesquisador na área de rádio.

De onde surgiu a ideia para "O Causo do Cemitério"?

O Causo do Cemitério é um spin-off de um romance que eu escrevi e ainda não publiquei, chamado Ezebeth. Minha ideia era resgatar o mito clássico do vampiro e ambientá-lo em uma pequena cidade do Brasil. O conto se passa décadas antes da história contada no romance. Tenho na memória imagens de filmes de vampiro que vi na infância, em que as criaturas apareciam em cemitérios, e resolvi brincar com essa ideia. Ou seja, como um vampiro poderia circular em um local repleto de símbolos religiosos? A Ezebeth já me rendeu duas histórias derivadas. A outra se chama Um Brasileiro na Transilvânia, também inédita e que se passa no final do século XVIII, cujo protagonista é um personagem da história do Brasil que realmente esteve na Transilvânia.

Qual trecho do conto foi mais difícil de escrever?

Acho que a aparição da moça do casarão. Ela é a heroína do romance, tem características físicas e de personalidade descritas detalhadamente. Mas, no conto, queria que sua presença fosse algo mais diáfano, espectral. Então, optei por fazer com que ela aparecesse pelo olhar de um personagem, o Vicente, que não é o narrador da história. O narrador nos conta o que ouviu do Vicente e isso é tudo o que temos sobre a moça misteriosa. Espero que os leitores gostem dessa solução.

Eu gostei muito da linguagem que você adota no conto e da fluidez da história. Quais autoras te influenciam?

Minhas grandes influências são os escritores brasileiros que abordam o

meio rural, o sertão, a cultura caipira. Guimarães Rosa, Mário Palmério, Bernardo Elis, Monteiro Lobato e, especialmente, José J. Veiga, que faz a mistura da ambientação rural com a fantasia. Veiga é o meu autor favorito no momento. Em relação às histórias de vampiros, posso citar como referências os clássicos, como Bram Stoker e Sheridan Le Fanu. Agora, estou começando a escrever alguma coisa de ficção científica, e minhas principais influências no gênero são Ursula Le Guin e Margaret Atwood, autoras que só fui ler muito recentemente e me impressionaram muito.

Como é o seu método de escrita?

Acho que ainda estou desenvolvendo um método. Sempre quis ser escritor, mas passei anos esperando um insight, uma inspiração na forma de uma história com começo, meio e fim, o que nunca aconteceu. Só mais recentemente percebi que eu preciso começar a escrever e, a partir da própria escrita, a história se desenvolve. Quando eu começo um conto, não sei como vai acabar. Encerrar a narrativa é a parte mais difícil.

Você está numa mesa de bar sob a luz turva e amarela de uma lâmpada fraca. Alguém está conversando com você aos sussurros. Quem é essa pessoa?

José Mojica Marins, por mais assustadora que a cena possa parecer! Sou muito fã dele e é o tipo de cara com quem gostaria de bater um papo em uma mesa de bar. Com essa atmosfera aí, ficaria perfeito!

Onde podemos encontrar mais sobre você? Use este espaço para nos contar de qualquer projeto vindouro e deixar seu contato para os leitores da Trasgo.

Tenho uma conta no Wattpad (wattpad.com/user/HeltonLucindaRibeiro). Por enquanto, não tem muita coisa lá, mas quero postar mais textos. Outro conto meu disponível na internet é Quixote Sama, publicado pela revista Subversa (canalsubversa.com). Um dos meus projetos é reescrever alguns trechos de Ezebeth e tentar publicá-lo. Também estou trabalhando em uma história de ficção científica, como eu disse. Ainda não sei se vai ser um conto ou um texto mais longo. Vamos ver como a história vai se desenvolver. Só sei que também vai ter essa pegada sertaneja.

Última pergunta: se fosse você no lugar de Vicente, também teria ficado com a ideia na cabeça de voltar a Embu da Peste mesmo depois do caso?

Sou medroso no que diz respeito ao sobrenatural. Por maior que fosse a curiosidade em relação à moça, eu não voltaria. Aliás, nem teria saído à rua na segunda noite, depois das histórias sobre lobisomens que os moradores de Embu da Peste contaram.

***Enrico Tuosto** é escritor, revisor da *Trasgo* e rockstar fracassado. Também cuida das redes sociais e da newsletter da revista, mas o que ele gosta mesmo de fazer é jogar RPG. enricotuosto.tumblr.com/writing*

ENTREVISTA: LÍVIA STOCCO

Por Enrico Tuosto



Lívia Stocco nasceu e cresceu em Franca, interior de SP, seduzida pela fantasia desde muito cedo. Tímida, saía pouco de casa, e as aventuras das histórias lhe pareciam tão reais quanto o dia a dia. Lia, assistia e também criava desde menina - seu primeiro livreto ilustrado, chamado "O Azar", é guardado pela mãe até hoje, e foi feito quando tinha entre 5 e 6 anos. No entanto, levou muitos anos para que concluísse seu primeiro romance, e mais alguns ainda para que ela pudesse olhá-lo com um olhar mais crítico e profissional, e finalmente ter coragem para mostrar o que escreve para outras pessoas.

Como surgiu a ideia para "Casa de Veraneio"? Onde você estava?

Depois do último filme sobre invasão alienígena que assisti, percebi o quanto os criadores dão importância para a raça humana, e pensei se uma espécie avançada de ET's chegassem ao nosso mundinho, será que nos veria como um bem inestimável a ser dominado? Será que, ao perceber como destruimos nosso entorno, não nos considerariam só um tipo de doença, de praga?

Quanto tempo demorou para escrever o conto? O seu processo de escrita costuma ser sempre assim?

É um conto curto e escrevi em uma hora apenas. Foi rápido assim porque, como em todos os meus projetos, só começo a escrever quando já tenho a história completa na cabeça. Penso no tamanho que quero que ela tenha, em como quero começá-la e também no final, e só depois passo para o papel. Depois de muitos anos de idas e voltas com meu primeiro romance, esse foi o processo que deu certo pra mim, e é como eu escrevo tanto meus contos curtos, minhas noveletas ou meus romances mais longos.

Quais mídias mais te influenciam, e quais artistas dentro dessas

mídias?

Livros, filmes, animes, desenhos e séries. Acredito que nossos ídolos nos influenciam, e sou fã de J K Rowling, porque acho que ela consegue desenvolver ótimos personagens junto com a história, e sempre tem algum com que podemos nos identificar. Também sou fã de Brandon Sanderson, porque acho a fantasia dele inovadora. Dos brasileiros, lia muito na minha infância a Coleção Vagalume e Monteiro Lobato, e hoje acompanho o trabalho de escritores desta nova fase da literatura nacional, como Ana Lúcia Merege e Felipe Castilho. Amo Tolkien, Suzanne Collins, Josh Malerman, Dan Brown e muitos outros autores, mas sou péssima com nomes de autores ou artistas, acabo lembrando mais dos títulos dos livros e dos filmes ou séries. Entre os filmes e séries que mais me influenciam até hoje posso citar todos os Indiana Jones, Walking Dead, a primeira fase de Arquivo X e também Yu Yu Hakushô e Caverna do Dragão. Gosto muito de uma boa aventura.

Você foi convocada para uma viagem sem volta à Marte e pode levar apenas um livro. Qual livro seria?

Vix, não pode ser meu Kindle? Teria que ser o que estarei lendo no momento da partida.

Onde podemos encontrar mais sobre você? Use este espaço para nos contar de qualquer projeto vindouro e deixar seu contato para as leitoras da Trasgo.

Nos links abaixo você encontra minhas páginas e informações sobre outros trabalhos meus, entre contos, romances e ilustrações. Atualmente estou terminando a diagramação do último livro da série de fantasia que escrevi, que será lançada ainda neste ano. Também tenho um canal e um site nas redes chamado "Fábrica de Mundos", onde falo sobre o processo de criação de mundos imaginários, e quem quiser pode entrar em contato comigo por qualquer um desses canais:

ESCRITORA

<https://www.facebook.com/liviastoccoescritora>

<http://liviastocco.wixsite.com/mundos>

SÉRIE MUNDO DE BHARDO

<http://liviastocco.wixsite.com/bhardo>

FÁBRICA DE MUNDOS

<https://www.facebook.com/fabricademundos/>

<https://www.youtube.com/fabricademundos>

<http://liviastocco.wixsite.com/fabricademundos>

DEVIANTART

livia-stocco.deviantart.com

WATTPAD

wattpad.com/search/LinareI

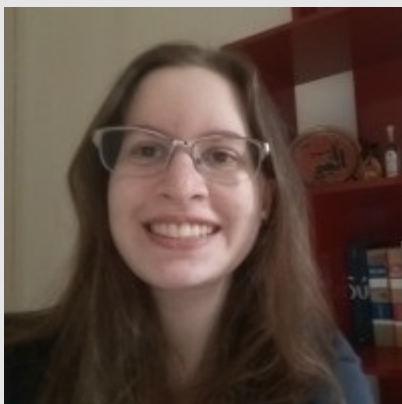
Última pergunta: onde você construiria sua casa de veraneio?

Em alguma cidade tranquila à beira da praia. Possivelmente Araruama, em frente à lagoa.

***Enrico Tuosto** é escritor, revisor da *Trasgo* e rockstar fracassado. Também cuida das redes sociais e da newsletter da revista, mas o que ele gosta mesmo de fazer é jogar RPG. enricotuosto.tumblr.com/writing*

ENTREVISTA: ISA PROSPERO

Por Soraya Coelho



Isa Prospero nasceu em Piracicaba e mora em São Paulo. Escreve no blog literário Sem Serifa, é coautora do romance juvenil "Volto quando puder" (2016) e publicou histórias de ficção especulativa na antologia Mitografias, na Superinteressante e na revista The Fantasist, entre outros.

Em geral, quando a ficção científica aborda o tema das Inteligências Artificiais, utiliza-se do trope das formas humanoides. Por que você decidiu falar sobre uma IA animal?

A ideia do conto surgiu da primeira frase. Como seria dita por uma criança, logo pensei que a narradora pudesse estar falando de um animal. Gostei de combinar a inocência desses dois personagens.

Também amo cães (deu para notar?) e achei divertido responder à pergunta: o que alguém pensaria de um cachorro, se nunca tivesse visto um? No mundo estéril de LM-246, não há muito lugar para uma criatura como Nabu, mas as crianças se afeiçoam a ele sem considerações utilitárias.

Quais foram as suas principais influências e inspirações para construir a história de Sebo e Nabu?

Na época em que tive a ideia, estava traduzindo um livro de Star Wars e fazendo uma maratona de Star Trek. Ambos com certeza me levaram a pegar a ideia inicial de falar de uma IA e desenvolvê-la em um planeta distante no tempo e no espaço. Quanto ao próprio Nabu, é muito inspirado em minha cachorra, que nos faz companhia há 15 anos.

Quanto às suas influências literárias, quais seriam aquelas que você considera essenciais?

Pensar em influências diretas é um pouco difícil. Posso dizer que Brandon Sanderson é um cara que me influencia demais, não só por suas obras, mas também pelo trabalho no podcast Writing Excuses, onde

aprendi muito sobre escrita. Além dele, vou citar alguns dos meus autores preferidos, sem saber em que medida surgem em minha escrita: Jane Austen, Susanna Clarke, Carlos Ruiz Zafón, Bernard Cornwell, Madeline Miller, Ann Leckie. E tantos outros!

Você segue algum processo de escrita? Foi o mesmo utilizado para construir Nabu ou houve alguma diferença?

Meu processo geralmente envolve ter uma ideia e combiná-la com ideias que tive há semanas, meses ou até anos antes. Estou sempre recuperando inspirações antigas. Com Nabu foi um pouco diferente. Como disse, o conto surgiu da primeira frase – que apareceu sem contexto na minha cabeça um dia. Comecei a pensar em um narrador que pudesse dizê-la e no mundo em que habitava. Desenvolvi a premissa em um dia (sempre monto um roteiro antes de começar) e escrevi o primeiro rascunho em outro. Depois ele passou por várias revisões, claro, mas essa rapidez foi bem incomum! Esse é um dos motivos pelos quais gosto tanto do conto: de tudo que já escrevi, foi a história que se encaixou mais depressa. Me diverti muito com ela.

Se você pudesse ter um anti-animal, qual seria? Por quê?

Provavelmente um cão também – a minha mora em outra cidade, e sinto falta de um cachorro por perto!

Você está trabalhando em outros projetos no momento? O que podemos esperar? Fique à vontade para utilizar esse espaço para deixar sua mensagem aos leitores da Trasgo.

Estou desenvolvendo algumas ideias de novela (ou romance?) sem previsão de término, mas enquanto isso recomendo alguns trabalhos publicados: tenho uma noveleta de fantasia urbana que vai sair na segunda edição da Revista Mafagafo nos próximos meses, e uma novela de fantasia baseada na mitologia egípcia chamada The Book of the Living, publicada na revista The Fantasist e disponível no site deles. Essas e outras publicações estão listadas em meu site: isapropero.com. Por fim, obrigada à Trasgo pela publicação e espero que os leitores tenham gostado de Nabu. Adoraria ouvir a opinião de vocês! Podem me encontrar no Twitter em [@isapropero](https://twitter.com/isapropero).

Soraya Coelho é natural de Fortaleza, mas mora em São Paulo há 4 anos. Pós-graduanda em Book Publishing pela Casa Educação, trabalha como analista de marketing digital na editora Somos. Além disso, é revisora na editora Dame Blanche. Especializada em revisão e preparação de ficção especulativa, escreve quinzenalmente na newsletter Cortesia da Casa.

CLASSIFICADOS

Agora a Trasgo tem um espaço para madrinhas e padrinhos anunciarem seus projetos, lançamentos e afins! Olha só quanta coisa bacana:

Canal Natividade

O Natividade é um canal para falar sobre tradução, mercado editorial e livros. A ideia de criar o canal surgiu por uma vontade de compartilhar os conhecimentos e a experiência de mais de 20 anos de mercado com quem está pensando em escolher essa profissão ou quem ainda está dando os primeiros passos. Depois de seis meses já temos mais de 500 inscritos e estamos tendo feedbacks muito positivos.

<https://goo.gl/ujVTK4>

Cortesia da Casa

Revisora em formação, Soraya Coelho compartilha na newsletter Cortesia da Casa os desafios de avaliar manuscritos, lidar com autores e conseguir um cantinho ao sol no mercado editorial. O conteúdo é enviado quinzenalmente. Para se inscrever, clique:

eepurl.com/drGJor

Coletânea Reimaginando Lobato

Com a iminência da obra do autor entrar em domínio público, nós, do Cabuloso Livros, resolvemos propor uma nova abordagem. Queremos fazer uma antologia de contos baseadas na obra de Lobato, incluindo mas não se limitando ao Sítio do Pica-Pau Amarelo. Contos que reimaginem sua obra, e que deixem para trás as posturas retrógradas do autor.

<http://leitorcabuloso.com.br/2018/08/antologia-reimaginando->

lobato/

Viver da Escrita

Viver da escrita é um site com dicas e conteúdo bacana para quem escreve, seja literatura, seja redação publicitária. Assine também a newsletter, curadoria de ótimos links sempre fresquinhos!

viverdaescrita.com.br

Curta Ficção, o podcast de literatura que cabe no seu tempo

Ouçã o Curta Ficção, o podcast com episódios de 30 a 50 minutos sobre escrita, mercado literário e criação. Siga as séries de programas técnicos, entrevistas com profissionais convidados e análises de obras do entretenimento.

<http://www.curtaficcao.com.br>

Spotify: <http://bit.ly/curtaficcaospotify>

APOIE A TRASGO NO PADRIM



A Trasgo precisa do seu apoio.
Acesse: padrim.com.br/trasgo e veja todos os benefícios!

MADRINHAS E PADRINHOS

Muito obrigado, de coração, pelo apadrinhamento. Essa edição só existe graças ao apoio destas incríveis pessoas:

Adley de Oliveira, Alexandre Felipe de Sousa, Altemar Gavião, Ana Rusche, Anderson henrique gonçalves, Andriolli Costa, André Caniato, André Marques Ferrari, Caio Henrique Amaro, Caique Bernardes Leite Cesar, Camila Fernandes, Carlos Rocha, Carol Chiovatto, Cesar Ricardo Tomaz da Silva, Cárlisson Galdino, Dinei Júnior Rocha do Nascimento, Daniel Burle Orlandine, Daniel Folador Rossi, Daniel souza de nonohay, Darcio Payá, Dyego Maas, Fabricio do Prado Semmler, Gabriele Gomes Diniz, Guilherme Lopes, Hális Alves, Ian Fraser, Isa Prospero, Janayna Pin, Janio Garcia, Janito Vaqueiro Ferreira Filho, Johannes van Kampen, José Carlos Suárez da Rosa, Jéssica Reinaldo Pereira, Kyanja Lee, Lucas Toledo, Marcel Breton, Marcele Batista, Maria Clara Monteiro Rodrigues, Maria Danielma dos Santos Reis, Mayara Barros, Mayumi Makuta, Melissa de Sá, Michel Peres, Márcio Moreira dos Santos Filho, Oghan N'Thanda, Paulo Vinicius F. dos Santos, Pedro Zavitoski, Pôlo, Renan Bernardo, Renan Santos, Ricardo De Moura Rivaldo, Ricardo Santos, Rodrigo Chama, Rodrigo Junqueira, Rodrigo da Gama Bahia, Rosenilda Azevedo, Santiago Santos, Simone Pinheiro, Tiago de Oliveira Bizachi, Victor Burgos, Victor Gerhardt e Weliton Joelmir.

Obrigado por ler a décima oitava edição da Trasgo! Esperamos que tenha gostado.

Conte para um amigo, visite o site trasgo.com.br, seja nosso padrinho ou madrinha e ajude-nos a tornar a revista um pouco mais popular.

Créditos da edição:

Organização: Rodrigo van Kampen

Co-organização: Enrico Tuosto, Lucas Ferraz e Soraya Coelho

Ilustração: Raitan Ohi

Contos: Guilherme Lopes, Helton Lucinda Ribeiro, Isa Prospero, Lívia Stocco, Márcio Moreira e Marlon Ortiz

Acompanhe a Trasgo

Revista: trasgo.com.br

Padrim: padrim.com.br/trasgo

Podcast: trasgo.com.br/podcast

Newsletter: trasgo.com.br/news

Twitter: twitter.com/revistatrasgo

Facebook: fb.com/revistatrasgo

Proibida a reprodução de qualquer conteúdo desta edição. Todos os direitos reservados à Revista Trasgo e às respectivas autoras e ilustradoras.

Setembro / 2018